

# MARIA TUDOR,

DRAMA EM TRES ACTOS,

de Victor Hugo,

TRADUZIDO LIVREMENTE POR J. M. DE SOUZA LOBO.

## PERSONAGENS:

MARIA TUDOR, rainha.  
LORD CLINTON.  
LORD CHANDOS.  
LORD MONTAGU.  
LORD GARDINER.  
JOANNA.  
GILBERTO.  
FABIANO FABIANI.

SIMÃO RENARD.  
JOSHUA FARNABY.  
ENEAS DULVERTON.  
UM JUDEO.  
UM CARCEREIRO.  
SENHORES DA CÔRTE.  
PAGENS, GUARDAS, O CARRASCO, etc., etc.

A acção tem lugar em Londres, no anno de 1553.

## ACTO PRIMEIRO.

Praia deserta nas margens do Tamisa; um parapeito velho e arruinado estorva a vista do rio; divisa-se ao lado direito uma casa de mesquinha apparencia, em cuja esquina se vê uma pequena imagem de Nossa Senhora, junto da qual arde alguma estopa sobre uma grade de ferro; avista-se no fundo a cidade de Londres na margem oposta do Tamisa, e entre seus edificios sobresahe a torre de Londres e o palacio de Westminster; começa a anoitecer.

### SCENA PRIMEIRA.

*Differentes magotes de individuos espalhados confusamente pela praia occupão a scena. Entre elles vêm-se*  
SIMÃO RENARD; JOÃO BRIDGES, barão Chandos; ROBERTO CLINTON, barão Clinton; AN TONY BROWN, visconde de Montagu.

LORD CHANDOS.

Tendes razão, mylord: certo que o maldito Italiano enfeitiçou a rainha, que delle não póde prescindir. Não vive senão por elle, não tem alegria senão com elle, e não ouve senão o que elle diz. Se deixa um dia de o ver, a languidez se apossa de seus olhos como no tempo do cardeal Poius; lembra-vos?

SIMÃO RENARD.

É certo: muito namorada, e por consequencia muito zelosa.

LORD CHANDOS.

Não ha duvida, enfeitiçou-a.

LORD MONTAGU.

Dizem que os Italianos possuem philtros que enfeitição.

LORD CLINTON.

São tão destros na preparação dos venenos que inspirão amor como os Hespanhoes na dos que tirão a vida.

LORD CHANDOS.

Então é elle Italiano e Hespanhol. A rainha ama-o e está doente: bebea por ambos os copos.

LORD MONTAGU.

Mas eu ainda não sei o que elle é; é Italiano ou Hespanhol?

LORD CHANDOS.

Parece certo que nasceu na Italia, na provincia de Capitanata; mas foi educado em Hespanha, onde se inculca ligado a urza familia illustre. Quem sabe bem essa anecdota é lord Clinton.

LORD CLINTON.

É um aventureiro, nem Italiano, nem Hespanhol, e, lonvado seja Deos, ainda menos Inglez. E estes homens que não tem patria, quando são poderosos, terra nenhuma lhes merece affeição.



LORD MONTAGU.

Então, lord Chandos, que molestia incommoda a rainha? Não é ella tão grave que a estorve de viver vida folgada junto do valido.

LORD CLINTON.

Vida folgada!... vida folgada!... e enquanto a rainha ri, o povo chora; e o valido, cheio de riqueza, nada o satisfaz; parece comer prata e beber ouro!... A rainha dou-lhe os bens de lord Talbot, do grande lord Talbot!... Fê-lo conde de Clambrassil e barão de Dinasmondly!... a Fabiano Fabiani, que se diz parente dos Penalver em Hespanha... que impostor!... e é par de Inglaterra como vós, Chandos; como vós, Montagu; como Stanley, como Norfolk, como eu, como o rei!... Tem a garrotea como o infante de Portugal, o rei de Dinamarca e Thomaz Percy, setimo conde de Northumberland!... E até do leito da rainha nos governa... Que tiranno!... Nunca tão grandes crueldades assolarão a Inglaterra!... E eu, velho como sou, as tenho presenciado. Setenta forcas novas em Tyburn, as fogueiras accesas sem interrupção, não tem tempo de reduzi-se a cinzas, e o cutelo do algoz todas as manhãs se amola por se ter embotado na vespera!... Todos os dias se sacrifica um homem illustre: ante-hontem Blantyer, hontem Northcurry, hoje South-Repo, amanhã Tyrconell, para a semana vós, dentro de um mez eu, nós todos.... É uma vergonha, milords, é uma impiedade, que tantas e tão nobres cabeças inglezas caião a cada passo pela unica vontade de um miseravel aventureiro a quem nem patria se conhece!... É horroroso, é intoleravel o pensar que a mão de um pretendido Napolitano possa arrancar tanto cadafalso debaixo da cama da rainha!... Vivem vida folgada!... Que infamia, meu Deos!... Vida de namorados ao mesmo passo que ás portas de seu proprio palacio os algozes se occupão incessantemente em decepar cabeças, cada uma das quaes deixa em abandono um orphão ou uma viuva!... ao mesmo passo que sua guitarra napolitana é acompanhada pelo tinir dos ferros, pelo carpir dos desgraçados!... Rainha!... rainha!... ainda chamais musicos e cantores de Avignon!... ainda vcs divertis com folguedos e theatros!... Por Deos, senhora... menos alegría em vossa casa, e menos pranto na de vossos vassallos!... menos bailadores em uma, e menos algozes na outra!... menos palanques em Westminster, e menos cadafalsos em Tyburn!...

LORD MONTAGU.

Olhai por vossas palavras, mylord. Respeitemos a soberana como subditos leaes que somos. Toda a nossa colera se volte contra Fabiani.

SIMÃO RENARD, batendo com a mão no hombro de lord Clinton.

Ter paciencia, mylord.

LORD CLINTON.

Ter paciencia!... mui bem o dizeis vos, Simão Renard, bailio de Aumort em Franche-Comté, subdito do imperador e seu embaixador nesta côrte. Vossa pessoa, senhor, que em Londres representa o principe de Hespanha, futuro marido da rainha, é inacessivel aos golpes do valido. Comnosco muda o caso de figura.... Para vós os mimos, para nós as crueldades. *(Escurece de todo.)*

SIMÃO RENARD.

Embora, que nem por isso me inquieta menos do que a vós. A morte não temo eu; temo sim a perda de minha reputação, que vale muito mais que a vida. Com mais rancor e menos colera do que vós, mylords, trabalho mais do que minhas poucas palavras inculcão.... Hei de destruir o valido.

LORD MONTAGU.

Mas como?... nisso penso eu todos os dias.

SIMÃO RENARD.

É de noite, mylord, e não de dia, que se fazem e desfazem validos de rainhas.

LORD CHANDOS.

E a de hoje está bem medonha e escura.

SIMÃO RENARD.

Bellissima a vejo eu para meus intentos.

LORD CHANDOS.

Pois que intentais fazer?

SIMÃO RENARD.

A seu tempo se verá. Quando reina uma mulher, mylords, é o capricho quem governa: a politica deixa de ser um calculo; torna-se toda em acasos sem nada positivo, sem que do dia de hoje possa deduzir-se o dia de amanhã. Em vez de jogar-se o xadrez, joga-se um jogo de cartas.

LORD CLINTON.

Isso é muito bem pensado. Mas Fabiani, quando nos veremos livre d'elle? Não ha tempo a perder, Sr. bailio: a cabeça de Tyrconell deve cair amanhã.

SIMÃO RENARD.

Depare-me hoje Deos o homem que procuro, que Tyrconell ceará amanhã comvosco.

LORD CLINTON.

E como se fará esse milagre?... E Fabiani?

SIMÃO RENARD.

Tendes boa vista, mylord?

LORD CLINTON.

Apezar dos annos e do escuro da noite, não verei menos que vós.

SIMÃO RENARD.

Vêdes acolá Londres na margem opposta do rio?



LORD CLINTON.

Vejo, sim; e que mais?

SIMÃO RENARD.

Affirmai vos bem. Vê-se daqui o céu e o inferno dos validos: Westminster e a Torre.

LORD CLINTON.

E dahi?

SIMÃO RENARD.

Ajude-me Deos, e um homem que neste momento saborêa os prazeres do céu (*apontando para Westminster*), amanhã a esta mesma hora gemerá nos horrores do inferno (*apontando para a Torre*).

LORD CLINTON.

Deos vos ajude!

LORD MONTAGU.

Que festa não haverá em Londres nesse dia!... O povo o detesta tanto como nós o odiamos.

LORD CHANDOS.

Todos confiamos em vossa protecção, Sr. balio; empregai-nos sem receio: em cada um encontrareis um servidor zeloso e fiel.

SIMÃO RENARD, *apontando para a casa que está junto do rio.*

Vêm aquella casa? é do mestre abridor Gilberto; não a percão de vista; separem-se, mas não vão para longe, e não fação cousa alguma sem mim.

LORD CHANDOS.

Sereis obedecido. (*Sahem todos por diferentes lados.*)

SIMÃO RENARD.

Não será facil topar o homem que procuro. (*Sahe.*) (*Entrão Joanna e Gilberto pelo braço um do outro. Joshua Farnaby vem a seu lado embuçado em uma capa.*)

## SCENA II.

JOANNA, GILBERTO, JOSHUA FARNABY.

JOSHUA.

Aqui vos deixo, amigos; é noite, e meu emprego de guarda-chaves da Torre de Londres me chama áquella lugubre mansão. Se eu fôra livre como vós!... mas um carcereiro, amigos, é tão preso com o proprio preso.... Adeos, Gilberto; adeos, Joanna. Como a vossa felicidade me faz feliz!... A proposito, Gilberto, quando é a voda?

GILBERTO.

De hoje a oito dias, não é assim, Joanna?

JOSHUA.

E depois d'amanhã é dia de Natal! Chega o dia das prendas e desejos sem que tenha que desejar-vos. A

noiva não pôde ser mais linda, nem o noivo mais namorado.... Como sois felizes!

GILBERTO.

E tu, Joshua, não és também feliz?

JOSHUA.

Nem feliz nem infeliz: renunciei a boas e más venturas. (*Entre-abre a capa e mostra um molho de chaves pendente do cinto.*) Estas chaves de calabouços, Gilberto, que continuamente tinem neste cinto, fallão e alimentão milhares de pensamentos philosophicos. Emquanto fui rapaz, fui como os outros: amante todo um dia, ambicioso todo um mez, louco todo um anno. Bem moço era eu ainda no tempo de Henrique VIII; foi um homem singular Henrique VIII! mudava de mulher com a mesma ligeireza com que a mulher variava seus enfeites; repudiou a primeira, mal a degolou a segunda, fez abrir o ventre á terceira, contentou-se com expulsar a quarta, mas por compensação mandou também degollar a quinta. Não penses, bella Joanna, que vos conto uma historia de fadas; é uma historia verdadeira, a historia de Henrique VIII. Nesse tempo fui eu soldado nas guerras da religião, e ora militei por uns, ora por outros, nem se podia seguir melhor caminho, que duvidoso era o caso. Tratava-se de ser a favor ou contra o papa; mas quem era a favor morria enforcado, quem era contra morria queimado, e quem não era nem a favor nem contra morria enforcado ou queimado, segundo a sua estrêlla. Livrava-se cada um como podia; se se dizia sim, forca; se se dizia não, fogueira; se nem se dizia sim nem não, forca e fogueira. Eu, que vos estou aqui fallando, muitas vezes farejei o cheiro do chamusco, e não ousei afiançar que não morresse enforcado duas ou tres vezes. Bello tempo era esse!... quasi tão bom como o de agora; é verdade, por todos combati, e os diabos me levem se já sei por quem combati: se me fallão em Luthero, encolho os hombros; se me fallão em Paulo III, torno os a encolher. Quando os cabellos se fazem brancos, Gilberto, é forçoso esquecer as opiniões que se seguirão, e as mulheres que se amarão, quando apenas contavamos vinte annos. Umas e outras nos parecem extremamente feias, velhas, despreziveis, desdentadas, enrugadas e faltas de siso; eis-aí minha vida passada. Agora retirei-me dos negocios, não sou soldado do rei nem do papa, sou guarda-chaves da Torre de Londres; não brigo por ninguém, e prendo toda a gente; sou carcereiro e velho, tenho um pé na cadêa e outro na cova, apanto os cacos de todos os ministros e validos que se quebrão junto da rainha, o que é um lindo divertimento. Além disso, tenho uma filhinha a quem amo muito; tenho-vos a vós, a quem não amo menos, e se todos são felizes, eu também o sou.

GILBERTO.

Então, Joshua, sêde feliz; não é verdade, Joanna?



JOSHUA.

Nada posso concorrer para tua felicidade; mas Joanna, a quem tanto amas, póde tudo. Em toda a minha vida não terei uma ocasião de ser-te útil; felizmente não és tão alta personagem que esperes precisar algum dia dos serviços do guarda-chaves da Torre de Londres.... Joanna pagará com a sua a minha divida; ella e eu tudo te devemos. Orphã, criança e abandonada, deste-lhe abrigo e educação; quasi affogado no Tamisa, arriscaste tua vida para arrancar-me das garras da morte.

GILBERTO.

Para que andas sempre a fallar nisso?

JOSHUA.

Para me não esquecer, e lembrar a Joanna que é nosso dever amar-te.... eu como um irmão, e ella.... não como uma irmã....

JOANNA.

Entendo, Joshua, como uma mulher. (*Continúa a ficar pensativa, como deve ter estado sempre.*)

GILBERTO, *baixo a Joshua.*

Affirma-te bem nella, Joshua; olha como é bella e encantadora!... não podes imaginar quanto a amo!

JOSHUA.

Cautela, amigo; não sejas imprudente: uma mulher não se ama por esse modo, como se fôra uma criança.

GILBERTO.

E que queres tu dizer nisso?

JOSHUA.

Nada.... De hoje a oito dias virei assistir á voda; para esse tempo tudo estará acabado, e os negocios de estado deixar-me-hão alguns momentos livres para gozar esse prazer.

GILBERTO.

Que é que ha de estar acabado para esse tempo?

JOSHUA.

Tu não entras cá nestes segredos de gabinete, Gilberto; estás namorado, e és plebeu; feliz na tua choupana, não te importa o que vai pelo paço.... mas como queres saber, contar-te-hei que nestes oito dias, talvez nestas vinte e quatro horas, será Fabiano Fabiani substituido por outro junto da rainha.

GILBERTO.

Fabiano Fabiani!... e quem é esse homem?

JOSHUA.

É o amante da rainha, um valido muito celebre e muito amavel; faz cortar a cabeça de um homem que lhe não agrada com a mesma facilidade com que um burgomestre flamengo engole uma sopa; é o mais rendoso valido que tem tido ha dez annos o carrasco

da Torre de Londres; já se sabe, dez escudos de prata por cada cabeça regularmente illustre, e dobro pelas mais notaveis. Todos desejão a desgraça de Fabiani, se bem que lá na Torre só ouço fallar mal delle aos que estão para ficar sem cabeça.... homens de máo humor, descontentes....

GILBERTO.

Deixar lá os lobos devorarem-se uns aos outros; que nos importa a nós a rainha e seu valido?... Não é assim, Joanna?

JOSHUA.

Trama-se contra elle uma terrivel conspiração, e se della escapa, cem annos vive.... Esta noite parece-me que temos novidade.... Simão Renard andava ha pouco por estes lugares gyrando tão pensativo!...

GILBERTO.

Quem é Simão Renard?...

JOSHUA.

Pois não conheces Simão Renard?... o braço direito do imperador em Londres?... A rainha está para se casar com o principe de Hespanha, e Simão Renard é seu embaixador junto da noiva. A rainha aborrece-o, mas teme-o, e nada póde contra elle. Já lhe deu cabo de dous validos; tem um geito particular para arruinar validos, e de vez em quando dá sua varredura pelo paço; é muito subtil e malicioso; sabe quanto se passa, e ha de ser esperto quem lhe descobrir as intrigas. Lord Paget.... não perguntaste quem era lord Paget?... isso é um fidalgo muito ladino que servio com Henrique VIII; é membro do conselho privado, e os outros ministros nem se atrevem a resfolar diante delle; só mylord Gardiner, o chanceller, que o abomina, e é um homem arrebatado e de bom sangue. Paget não, é filho de um remendão, e vai ser feito barão Paget de Beaudesert em Stafford.

GILBERTO.

Como elle sabe estas cousas todas!

JOSHUA.

Aprendi á força de ouvir presos de estado. (*Apparece Simão Renard no fundo da scena.*) O homem mais versado na historia de nossos dias, Gilberto, é o carcereiro da Torre de Londres.

SIMÃO RENARD, *ouvindo as ultimas palavras de Joshua.*

Enganas te, amigo; é o carrasco.

JOSHUA, *baixo a Gilberto e Joanna.*

Recuemos, Recuemos um pouco. (*Simão Renard afasta-se vagarosamente e desaparece no escuro.*) Virão-no? é Simão Renard em corpo e alma.

GILBERTO.

Não gosto nada destes sujeitos que me andão a rondar a casa.



JOSHUA.

A que viria elle aqui?... não foi para cousa boa; vamos embora depressa, que o homem anda a arranjar-me que fazer. Adeos, Gilberto; adeos, Joanna; conheci-te deste tamanho!

GILBERTO.

Adeos, Joshua. Que escondes tu ali debaixo da capa? deixa ver.

JOSHUA.

É a minha conspiração; eu tambem conspiro.

GILBERTO.

Que é? vejamos.

JOSHUA.

Namorado!... tudo te esquece; já te disse que depois d'amanhã é dia de dadas e presentes. Os fidalgos conspirão n'uma surpresa a Fabiano; eu tambem quero conspirar: a rainha vai ter talvez um valido novo; eu quero dar uma boneca nova á minha filhinha. (*Tira uma boneca de baixo da capa.*) Novinha do trinquê; veremos qual das duas quebra primeiro o seu brinco. Guarde vos. Deos, amigos.

GILBERTO.

Até á vista, Joshua.  
(*Joshua sahe vagarosamente; Gilberto beija apaixonadamente a mão de Joanna, que aperta com amor.*)

JOSHUA.

Altos decretos da Providencia!... a todos dais com que folgar!... á criança, a boneca; ao homem, a criança; á mulher, o homem; e a mulher ao diabo. (*Sahe.*)

## SCENA III.

GILBERTO, JOANNA.

GILBERTO.

Tambem eu te deixo, Joanna; adeos, dorme socegada.

JOANNA.

Pois não vens hoje comigo, Gilberto?

GILBERTO.

Não; já te disse que não podia, que tenho na officina uma tarefa que deve concluir-se esta noite, o cabo de um punhal que estou lavrando para um tal lord Chambrasil, a quem nunca vi, e que me mandou dizer que o queria pela manhã sem falta.

JOANNA.

Então adeos, Gilberto, boa noite; até amanhã.

GILBERTO.

Não sejas tão apressada, Joanna; mais um instante,... Sempre que me separo de ti, me custa, ain-

da que seja por pouco tempo. És a minha alegria, a minha vida; porém é necessario trabalhar; somos tão pobres!... Não entrei para não demorar-me, e não posso resolver-me a deixar-te; sempre é fraqueza demais!... Sentemo nos aqui um minuto fóra da porta neste banco; custar-me-ha menos sair daqui do que de casa, e ainda peor do teu quarto. Dá cá a mão. (*Senta-se e pega nas mãos de Joanna entre as delle; Joanna fica de pé.*) Joanna, tu amas-me?

JOANNA.

Bem sei que vos devo tudo, Gilberto; de balde m'o encobriste tanto tempo!... tomaste conta de mim ainda pequena, no berço, abandonada de meus pais. Ha dezeseis annos que vossos braços me sustentão como os de um pai; ha dezeseis annos que vossos olhos velão sobre mim como os de uma mãe.... Que seria de mim sem Gilberto?... Quanto tenho e quanto sou, a vós o devo.

GILBERTO.

Joanna, tu amas-me?

JOANNA.

Que sacrificios fazeis por minha causa, Gilberto! trabalhais de dia e de noite, cansais a vista, arruinais a saude; ainda hoje.... que noite ides passar!... e nem uma só queixa, nem uma má palavra, nem um máo tratamento!... Vós que sois tão pobre.... nem minhas fantasias de mulher deixão de ser satisfeitas. Nunca me lembro de vós, Gilberto, sem chorar; algumas vezes vos terá faltado pão, a mim nunca me faltarão adornos.

GILBERTO.

Joanna, tu amas-me?

JOANNA.

Quizera beijar-te os pés, Gilberto....

GILBERTO.

Amas-me?... amas-me?... Nada disso quer dizer « amo-te, » e é isso só que quero ouvir. Gratidão!... sempre gratidão!... Eu a desprezo, Joanna, não a quero; ou o amor ou nada.... Morrer. Ha dezeseis annos que és minha filha, agora vais ser minha mulher. Adoptei-te, quero casar contigo dentro de oito dias; prometteste, consentiste, és minha noiva; quando me prometteste, amavas-me.... houve tempo, Joanna, lembra-te?... quando erguias para o céu teus lindos olhos, e me dizias: « Amo-to, Gilberto »?... É assim que deves dizer sempre. Ha tres mezes, e principalmente ha tres semanas, depois que meu trabalho me obriga a estar mais tempo na loja, acho-te uma differença que me não agrada. Quero ser amado por ti, Joanna; estou affeito ao teu amor, não posso desfazer-me.... D'antes eras tão alegre! agora andas sempre preocupada, triste, fria não direi; fazes quanto podes por não o ser, mas bem conheço que tuas fallas de amor não são tão naturaes, tão sinceras como em



outro tempo. Que tens?... já me não amas?... Eu sou um homem de bem, um official honesto, ninguém ousará duvida-lo; mas quizera antes ser ladrão, assassino, e ser amado por ti.... Se soubesses como te amo, Joanna!...

JOANNA.

Sei, sei; e por isso choro.

GILBERTO.

De alegria, sim? Dize-me que é de alegria; necessito acredita-lo. Ser amado é o unico bem do mundo; não possuo mais que um pobre coração de official de abridor, mas preciso ser amado pela minha Joanna. Não me falles mais no que me deves; uma só expressão tua de amor pagaria tudo com usura; tornar-me-hia em devedor.... Praticaria até crimes por teu respeito!... Has de ser minha mulher, sim, Joanna? Tu amas-me. Não sabes?... só por um teu lançar d'olhos dava o meu trabalho todo, por um sorriso a vida, e por um beijo a alma.

JOANNA.

Como teu coração é nobre, Gilberto!

GILBERTO.

Ouve, Joanna, e ri-te se quizeres. Não sabes que perdi o siso? que tenho zelos?... É como te digo; não te agastes. Vejo ha tempos passar por aqui tantos mancebos da corte!... Já conto trinta e quatro annos; e que desgraça para um pobre trabalhador, desestrado e mal ataviado como eu, que não sou rapaz nem bonito, amar uma rapariga de dezeseis annos, encantadora e formosa, que attrahe em volta de si, como a luz as mariposas, todos os casquilhos da corte, apassamados e cobertos de ouro..... Ah!... quanto tenho padecido!... mas ainda meus pensamentos te não offenderão.... a ti, á minha Joanna, tão honesta, tão pura!... É certo que algumas vezes me parece que tens demasiado prazer em ver passar os cortejos e cavalgatas da rainha e em contemplar aquelles bellos vestidos de velludo e setim, debaixo dos quaes bate apenas um coração.... Perdôa-me, Joanna. Valha-me Deos!... para que passa por aqui tanto fidalgo? porque não sou eu tambem fidalgo, rico, bello e moço?... Sou o pobre mestre Gilberto e nada mais. Elles.... lord Chandos, lord Gerard, Fitz-Girard, o conde d'Arundel, o duque de Norfolk!... Quanto os aborreço!... Levo a vida a lavar punhos de espadas, cujas folhas desejava cravar-lhes no coração.

JOANNA.

Gilberto!

GILBERTO.

Perdôa-me, Joanna; é o amor que nos faz máos; não te parece, Joanna?

JOANNA.

Não, faz-te bom; és bom, muito bom.

GILBERTO.

Quanto te amo!... cada vez mais. Queria morrer por ti.... Ama-me ou não?... Faze o que quizeres; estou louco.... perdôa-me o que te disse.... É muito tarde; vou-me embora; adeos. Quanto me custa deixar-te.... Vai para casa; não tens chave?

JOANNA.

Ha dias que não sei della.

GILBERTO.

Eis-aqui outra. Até amanhã; hoje sou ainda teu pai, em oito dias serei teu marido. (*Beija-a na testa e sahe.*)

JOANNA, só.

Meu marido.... nunca; não commetterei tamanho crime.... Pobre Gilberto!... este ama-me; e o outro.... Preferiria eu a vaidade ao amor? Como sou desgraçada!... De quem dependo agora!... Sou bem criminosa e ingrata!... Vem alguém, fujamos. (*Entra em casa.*)

## SCENA IV.

GILBERTO, entra acompanhado por um homem de capa, com um barrete amarello na cabeça, o qual o conduz pela mão.)

GILBERTO.

Reconheço-te perfeitamente; és o mendigo judeu que anda por aqui ha tempos. Mas que queres de mim? para que me trouxeste aqui pela mão?

O HOMEM.

Tenho que te dizer, e não te posso fallar senão aqui.

GILBERTO.

Então que é? avia-te, falla.

O HOMEM.

Escuta, mancebo: Ha deseseis annos, na noite em que o conde de Waterford, lord Talbot, foi decapitado por papista e revolucionario; nessa mesma noite todos os seus partidarios forão feitos em pedaços pelos soldados de Henrique VIII em Londres. Teda a noite se arcabuzou gente pelas ruas.... No meio de todos esses horrores, um artifice ainda moço, occupado mais de sua obra que da guerra, trabalhava na sua loja, a primeira á entrada da Ponte de Londres, uma porta baixa á direita, com vestigios de antiga pintura vermelha na parede. Serião duas horas da noite. Tudo era guerra; as balas sibilavão por cima do Tamisa. De repente batem á porta da loja, atravez da qual transparecia a luz que allumiava o impassivel trabalhador. O artista abre. Um homem desconhecido entra; traz nos braços uma criança de peito muito assustada e chorando; pousa-a sobre o mostrador. « Eis uma creatura, diz o desconhecido, que não tem pai nem mãe. » Sahe depois vagarosamente, e fecha a porta



sobre si. O artifice Gilberto não tinha também pai nem mãe; aceitou a criança. O orphão adoptou a orphãa, alimentou-a, vestio-a, guardou-a, educou-a e amou-a; dedicou-se todo á pobre creaturinha que a guerra civil lhe arremassára á sua loja. Mocidade, amores, prazeres, tudo desprezou por ella; constituiu-a unico objecto de seus trabalhos, de suas affeições, de sua vida.... e ha dezeseis annos que isto dura.... O artifice Gilberto ereis vós; a criança....

GILBERTO.

Era Joanna. Isso tudo assim foi; mas que se segue d'ahi?

O HOMEM.

Esquecia-me dizer que na mantilha da criança ia um papel pregado com um alfinete, onde se lia:  
• Compadecei-vos de Joanna. •

GILBERTO.

E era escripto com sangue. Guardei esse papel, e sempre em mim o trago. Mas teus vagares n.e martyrisão; vamos ao fim da historia.

O HOMEM.

Já vêdes que vos conheço os segredos, Gilberto. Esta noite olhai por vossa casa.

GILBERTO.

Que queres dizer nisso?

O HOMEM.

Não digo nada mais. Hoje não vades ao trabalho; ficai-vos nos arredores desta casa, e cantela! nem sou vosso amigo nem vosso inimigo, mas dou-vos este conselho. Agora deixai-me só: vossa demora aqui ser-vos-hia nociva; ide por este lado, e voltaí sem demora se ouvirdes pedir soccorro.

GILBERTO.

Que embrulhada será esta? (*Sahe vagarosamente.*)

## SCENA V.

O HOMEM, só.

Bem encaminhado vai o meu negocio; faltava-me um homem valente e vigoroso para me soccorrer sendo preciso; Gilberto não pôde ser mais proprio. Parece-me ouvir o som da guitarra e o cortar dos remos na agua.... é verdade. (*Vai ao parapeito. Ouve-se ao longe uma guitarra e uma voz cantando.*)

A VOZ.

Não, linda gloria desta vida tua,  
Despe os temores d'eu querer deixa-te.  
Eu!... que jurei de amar te!...  
A sorte amarga e crua  
Não fará que perjure a sã vontade  
De amar em ti a minha divindade.

O HOMEM.

É elle!...

(*A voz vai-se ouvindo melhor á proporção que se vai aproximando.*)

A VOZ.

Não inconstancia, não os disfavores  
Menos puro farão meu culto amante;  
Que eu falte a ser constante  
Aos olhos roubadores,  
A's faces de carmim, madeixas d'ouro,  
Em quem Venus e Amor poem seu thesouro!

Vivas ausente, ou vivas sempre á vista,  
O teu Filinto ha de adorar-te puro;  
Tens meu peito seguro,  
Tens segura a conquista:  
Nem d'outra sorte esses teus olhos rendem;  
Nem estes meus outra adorar pretendem.

Jurei a Amor em teu altar sagrado  
De agazalhar no seio a lealdade.  
Não temas falsidade  
N'um coração honrado;  
Não quebrarei o juramento amante  
Que fiz ao deos, que fiz ao teu semblante.

O HOMEM.

Lá desembarca. Bom!... Lá despede o barqueiro.  
Optimo! (*Volta para a frente da scena.*) Ei-lo que chega.

(*Entra Fabiani de capa, e encaminha-se para a casa de Joanna.*)

## SCENA VI.

O HOMEM, FABIANI.

O HOMEM, tocando em Fabiani.

Uma palavra, faça favor.

FABIANI.

Quem me falla? Quem será este marão? Quem és tu?

O HOMEM.

Quem quizerdes que eu seja.

FABIANI.

A frouxidão da luz mal o deixa ver.... Trazes barrete amarello, barrete de judeo? Tu és judeo?

O HOMEM.

Sou, sim; tenho que vos dizer.

FABIANI.

Como te chamas?

O HOMEM.

Sei vosso nome, e ignorais o meu; estou de melhor partido. Dai-me licença que o não diga.

FABIANI.

Sabes o meu nome! tu?... Mentas; não pôde ser.

O HOMEM.

Sei todos os vossos nomes: em Napoles chamavão-vos Signor Fabiani; em Madrid D. Fabiano; em Londres lord Fabiano Fabiani, conde de Clambrassil.

FABIANI.

Os diabos te levem!



O HOMEM.

Deos nosso Senhor vos guarde!

FABIANI.

Mandar-te-hei espancar. Não quero que se me saiba o nome quando procuro occulta-lo.

O HOMEM.

E muito principalmente quando ides para onde ides.

FABIANI.

Que dizes?

O HOMEM.

Se a rainha o scubesse!

FABIANI.

Não vou a parte nenhuma.

O HOMEM.

Isso é que não é verdade, mylord. Ides á casa da bella Joanna, da noiva do mestre Gilberto.

FABIANI, *a parte.*

Diabo! este homem é perigoso.

O HOMEM.

Quereis ouvir o resto?... Seduzistes-a, e ha um mez que vos recebeu em casa duas noites. Hoje é a terceira; está á vossa espera.

FABIANI.

Cala-te, homem, cala-te. Queres dinheiro para te calar? Quanto queres?

O HOMEM.

Logo tratremos disso. Quereis tambem que vos conte os motivos que vos obrigarão a engana-la?

FABIANI.

Foi porque gostei della.

O HOMEM.

Não ha tal, que vós não a amais.

FABIANI.

Não amo a Joanna?...

O HOMEM.

Tanto como á rainha. Amor não, especulação sim.

FABIANI.

Oh! este maldito não é homem, é a minha consciencia vestida de judeo.

O HOMEM.

Então vou fallar-vos como a vossa consciencia vos falla; dai-me attenção. Sois o valido da rainha, que vos condecorou com a garrotea, fez-vos conde e nobre; vaidades sem proveito. A garrotea é um farrapo, o condado um nome, a nobreza o privilegio de morrer degollado; faltava vos o melhor: boas terras, bons baliados, bons castellos e bons rendimentos em libras esterlinas. Ha dezeseis annos que Henrique VIII man-

dou cortar a cabeça a lord Talbot, e lhe confiscou todos os seus bens. A rainha Maria d'ou-vo-los. Para que a doação fosse valiosa, era necessario que lord Talbot não deixasse descendentes; aliás a rainha, filha de Catharina d'Aragão, por cuja causa lord Talbot soffreu a confiscação e a morte, julgaria pagar-lhes apenas seus serviços restituindo-lhes, mesmo á custa de um valido, os bens de que seu pai os privára. O dever, a religião e o reconhecimento não poderião deixar de obrar por semelhante maneira no coração de vossa real amante. É certo que lord Talbot teve só uma filha que desapareceu ainda no berço na noite da morte de seu pai e do exterminio de todos os seus partidarios, e por esse lado estava o valido socegado; porém seus espiões descobrirão ultimamente que nessa noite de horror uma menina fôra mysteriosamente confiada aos cuidados de um abridor que morava na Ponte de Londres, o qual a adoptou, e debaixo do nome de Joanna conserva ainda em sua companhia. Era muito provavel que esta menina fosse Joanna Talbot, herdeira do conde de Waterford, e apesar de não ser facil verificar tão complicada identidade, era todavia possivel; e dado esse caso, via-se Fabiani obrigado a restituir á menina apparecida as cidades de Shrewsbury e Wexford, e o magnifico castello de Waterford; isto na verdade era custoso. Como prevenir este acontecimento?... Destruindo e anniquilando a supposta herdeira... Um homem de bem mandava assassina-la ou envenena-la; vós fizestes melhor, seduzistes-a.

FABIANI.

Insolente!...

O HOMEM.

É vossa consciencia que falla, mylord. Qualquer outro arrancava-lhe a vida; vós roubastes-lhe a honra, e por consequencia destruistes-lhe o futuro.... A rainha, apesar de ter amantes, é beata.

FABIANI.

O excommungado entra no amago de tudo!

O HOMEM.

A rainha não deve ruído á saude, póde morrer quando menos se esperar, e o valido cahir em ruinas sobre seu tumulo. As provas da identidade de Joanna podem apparecer, e, morta a rainha, Joanna, mesmo deshonrada, succederá em todos os bens de seu pai; é este o caso que quizestes prevenir. Sois joven, possuis uma bella presença, fizestes-vos amar, alcançastes seus favores, e o peor que vos póde acontecer é casar com ella. Que sublime plano, mylord!... Não o negueis, que vos faz honra. Se eu não fôra quem sou, desejára ser quem sois.

FABIANI.

Obrigado.

O HOMEM.

Nada vos esqueceu: adoptastes um nome supposto;



estais seguro para com a rainha, e a innocente victima julga ter sido enganada por Amyas Pawlet, um cavalleiro de Sommerset.

FABIANI.

Tudo!... sabe tudo!... Saibamos a final o que me queres.

O HOMEM.

Se alguém possui os titulos que provão o nascimento, a existencia e o direito da herdeira de Talbot, fidei, mylord, pobre como meu antepassado Job.... reduzido unicamente a vossos castellos de Hespanha, D. Fabiano.

FABIANI.

Assim é, mas como ninguém os possui....

O HOMEM.

Ahi é que está o engano.

FABIANI.

Pois quem os tem?

O HOMEM.

Este vosso humilde servo, mylord.

FABIANI.

Tu, miseravel? .. isso é mentira. Judeo que falla, boca que mente.

O HOMEM.

Tenho os eu, mylord.

FABIANI.

Mentes. Que é delles?

O HOMEM.

Estão aqui na algibeira.

FABIANI.

Não creio. E estão em boa ordem? não lhes falta nada?

O HOMEM.

Nada.

FABIANI.

Então dá-os cá.

O HOMEM.

Devagar!

FABIANI.

Judeo, dá-me esses papeis.

O HOMEM.

Judeo, miseravel mendigo que vagueas pela rua, dá-me a cidade de Shrewsbury, dá-me a cidade de Wexford, dá-me o castello de Waterford... uma esmola por caridade.

FABIANI.

Esses papeis de nada te servem, e para mim valem de muito.

O HOMEM.

Simão Renard e lord Chandos dão-me bom dinheiro por elles.

FABIANI.

Entre esses dous cães te hei de mandar enforcar.

O HOMEM.

Não tendes nada mais a dizer?... adeos.

FABIANI.

Vem cá, judeo; que queres tu por esses papeis?

O HOMEM.

Uma cousa que sempre trazeis convosco.

FABIANI.

A minha bolsa?

O HOMEM.

Quereis a minha?

FABIANI.

Então que é?

O HOMEM.

Um pergaminho que sempre trazeis convosco, um assignado em branco que a rainha vos deu, e no qual jura por sua corôa catholica conceder uma graça, seja qual fôr, á pessoa que lh'a pedir apresentando-lh'o. Se me dais esse pergaminho, dou-vos os titulos de Joanna Talbot; papeis por papeis.

FABIANI.

Para que queres tu um assignado em branco da rainha?

O HOMEM.

Fallemos claro, mylord, jogo á vista; contei-vos vossos segredos, contar-vos-hei agora os meus. Eu sou um dos mais opulentos capitalistas judeos da rua Kanter-Steen, em Bruxellas; emprestar dinheiro é o meu modo de vida; recebo quinze por dez, e empresto a todo o mundo; emprestaria ao diabo e ao papa. Ha dous mezes morreu um devedor meu sem me pagar: era um antigo servo desterrado da casa de Talbot; um monte de farrapos foi a unica herança do miseravel, que mesmo assim me fez conta; entre elles encontrei uma caixa com papeis, e que papeis!... toda a historia de Joanna Talbot, contada pelo miudo, e munida dos competentes documentos em ordem, para servirem quando fosse tempo; acabava justamente a rainha de vos doar os bens de lord Talbot quando fiz esta importante descoberta. Eu necessitava da rainha de Inglaterra para um emprestimo de dez mil marcos de ouro, e logo vi que era a vós a quem devia dirigir-me. Disfarçado como vêdes, parti para Inglaterra, onde, sem me fiar em ninguém, espionei todos os vossos passos e os de Joanna. Consegui saber tudo, e eis-me ás vossas ordens. Os titulos de Joanna Talbot são de mylord Fabiano Fabiani, se elle me dá em troca o assignado em branco da rainha. Encho-o com uma doação de dez mil marcos de ouro, e não farei caso de umas bagatellas que ainda se me devem na repartição das sisas. Dez mil marcos de ouro nus e crus; não vo-los peço directamente, porque só uma testa



coroadá póde fazer presentes tão consideraveis; julgo que me fiz entender. Dous homens finos como somos pouco aproveitão em se enganar um ao outro; se a franqueza tivesse desaparecido da terra, deverião procura-la na conversação de dous velhacos tratando a sós um negocio de reciproco interesse.

FABIANI.

Homem, o que pedes não é possível; não posso dar-te o pergaminho que desejas. Dez mil marcos de ouro!... que diria a rainha?... Além disso é elle minha salva-guarda no caso de desgraça; este assignado em branco é a minha cabeça.

O HOMEM.

E que me importa a vossa cabeça?

FABIANI.

Pede-me o que quizeres, isso não.

O HOMEM.

Nada, não quero outra cousa.

FABIANI.

Judeo, dá-me os titulos de Joanna Talbot.

O HOMEM.

Mylord, dai-me o assignado da rainha.

FABIANI.

Não ha remedio senão ceder! (*Tira um papel da algibeira.*) Maldito judeo!

O HOMEM.

Vejamos o pergaminho.

FABIANI.

Vejamos os titulos.

O HOMEM.

Primeiro eu. (*Approximão-se da luz. Fabiani, em pé atraz do judeo, mostra-lhe o pergaminho com a mão esquerda. O judeo examina-o e lê:*) « Nós, Maria, rainha... » Está bom; é este. Já vêdes, mylord, que sigo o vosso systema. Calculo tudo; previno todos os casos.

FABIANI, *cravando-lhe com a mão direita um punhal no peito.*

Menos este.

O HOMEM.

Traição!... Soccorro! quem me acode! (*Cahe, e ao cahir arremessa para traz um maço de papeis sem que Fabiani veja.*)

FABIANI, *inclinando-se sobre o cadaver.*

Está morto; procuremos os papeis depressa. (*Examina miudamente todas as algibeiras do judeo.*) Não acho nada! Onde os trará elle? Nada! nada! nem um só! O maldito mentio, enganou-me. Queria me roubar.... e para isto o matei!... Estes diabos são todos assim: mentir e roubar fazem um judeo. Tiremos

daqui a cadaver; não convém que fique junto desta porta. (*Encaminha-se para o rio.*) Se ali estiver ainda o barqueiro, ajudar-me-ha a lança-lo ao rio. (*Desce pelo parapeito e some-se. Logo depois entra Gilberto pelo lado opposto.*)

GILBERTO, *entrando.*

Parece-me que ouvi gritar. (*Dá fê do corpo no chão.*) Um homem assassinado!... É o mendigo.

O HOMEM, *meio levantado.*

Ah!... chegaste tarde, Gilberto. (*Apontando para os papeis no chão.*) Apanha aquelle embrulho. Contém os documentos que provão que Joanna, a tua noiva, é filha e herdeira de lord Talbot.... Lord Clambrasil, o valido da rainha, foi o meu assassino. Ah!... eu abafó.... Gil....ber....to.... vingame.... vinga-te....

GILBERTO.

E morrea!... Que me vingue!... Que quererá isto dizer?... Joanna filha de lord Talbot!... lord Clambrasil, o valido da rainha!... Não entendo. (*Abana o cadaver.*) Homem, falla; uma palavra só... Está completamente morto.

## SCENA VII.

GILBERTO, FABIANI.

FABIANI, *voltando do rio.*

Já lá não está. Quem anda ahi?

GILBERTO.

Assassinarão aqui um homem.

FABIANI.

Um homem não, um judeo.

GILBERTO.

Quem o matou?

FABIANI.

Eu sei? ou vós, ou eu.

GILBERTO.

Senhor....

FABIANI.

Ninguém vio. Apparece um cadaver com dous homens junto de si: qual é o assassino? tanto póde ser um como outro, eu como vós.

GILBERTO.

Miseravel! o assassino sois vós.

FABIANI.

Serei; e que mais?

GILBERTO.

Irei chamar a justiça.

FABIANI.

Ajudai-me antes a lançar o cadaver ao rio.



GILBERTO.

Impudente!

FABIANI.

Fiai-vos em mim. Tiremos daqui este cadaver; tendes nisso mais interesse do que eu.

GILBERTO.

Atrevido!

FABIANI.

O golpe partio de nossas mãos. Eu sou fidalgo, sou lord; vós sois um villão, um plebeu. Quatro soldos de multa é a pena de um fidalgo que mata um judeo; a força é o castigo de um plebeu que mata outro.

GILBERTO.

E ousareis?...

FABIANI.

Denunciar-vos se me denunciais; e serei mais acreditado. Em todo o caso vosso partido é o peor: quatro soldos de multa para mim, a força para vós.

GILBERTO.

Ninguém ter visto! Não haver provas! Ah! que não sei onde estou! Ser insultado dest'arte por um miseravel!

FABIANI.

Quereis que vos ajude a lançar este cadaver ao rio?

GILBERTO.

Demonio!

*(Pegão ambos no cadaver, Gilberto pelos pés e Fabiani pela cabeça, e encaminham-se para o parapeito.)*

FABIANI, andando.

Para fallar verdade, meu caro, devo confessar que não sei bem qual de nós matou este homem. *(Descem pelo parapeito, e na volta continúa Fabiani.)* Bello, camarada; adeos, boas noites; cuide cada um da sua vida. *(Vendo que Gilberto o segue.)* Que mais quereis? que vos pague vosso trabalho? Em consciencia nada vos devo; comtudo ahi vai. *(Dá uma bolsa a Gilberto, que, parecendo recusa-la a principio, aceita-a a final com um gesto de quem muda de opinião.)* Agora podeis partir; que vos detem?

GILBERTO.

Nada.

FABIANI.

Ficai, se nisso tendes prazer. Para vós o fresco da noite, para mim a moça. Guarde-vos Deos!  
*(Encaminha-se para a porta da casa, e dispõe-se a abri-la.)*

GILBERTO.

Para onde ides?

FABIANI.

E esta?... para minha casa.

GILBERTO.

Para vossa casa?

FABIANI.

Sim, para minha casa.

GILBERTO.

Qual de nós estará sonhando? Ha pouco fui eu quem matei o judeo, agora esta casa é vossa!

FABIANI.

Minha, ou da minha amante, que tudo é o mesmo

GILBERTO.

O que?... Tornai a dizer.

FABIANI.

Digo e repito, amigo, já que assim m'o pedes, que esta casa é de uma rapariga bonita, chamada Joanna, e esta rapariga é minha amante.

GILBERTO.

E eu digo-te que mentes; que és um falsario, um assassino; que o carrasco esbofeteou tua mãe no pelourinho, e que hei de obrigar-te a retalhar a lingua com teus proprios dentes.

FABIANI.

Que diabo de homem é este?

GILBERTO.

Sou o mestre Gilberto, e Joanna é minha noiva.

FABIANI.

E eu sou Amyas Pawlet, e Joanna é minha amante.

GILBERTO.

Mentes outra vez; não és tal: és lord Clambrassil, o valido da rainha. Pensavas que não te conhecia, imbecil?

FABIANI, a parte.

Hoje todos me conhecem. Outro homem perigoso de quem preciso desfazer-me.

GILBERTO.

Dize já que mentiste como um infame; que Joanna não é tua amante.

FABIANI.

Conheces-lhe a lettra? *(Tira da algibeira um bilhete que lhe dá a ler.)* Lê este bilhete. *(A parte, enquanto Gilberto lê.)* Quem me dêra que elle entrasse e pegasse de razões com Joanna! Entretanto chegarião meus criados.

GILBERTO, lendo.

« Esta noite podes vir; hei de estar só. » Maldição, mylord! Deshonraste minha noiva; quero uma satisfação.

FABIANI, desembainhando a espada.

Não hei de ser eu que a negue. Vossa espada?

GILBERTO.

O' raiva!... Ser eu plebeu! não cingir uma espada! não trazer um punhal! Vai, miseravel! esperar-



te-hei n'uma esquina! afogar-te-hei com as unhas! assassinar-te-hei!

FABIANI.

Como sois arrebatado, camarada!

GILBERTO.

Hei de vingar-me de ti, mylord.

FABIANI.

Que dizes, miseravel!... Vingar-te de mim?... tu... tão baixo, e eu tão alto.... Estás louco.

GILBERTO.

Estou louco?

FABIANI.

Estás, sim.

GILBERTO.

Pois veremos.

FABIANI, *a parte.*

Este homem não deve ver o dia de amanhã. (*Alto.*) Amigo, fia-te em mim: vai para tua casa; sinto de-véras ter-te patenteado este negocio. Em paga fica-te a rapariga; e eu não contava levar o caso ao cabo. Entra em casa. Não tens chave? (*Arremessa-lhe uma chave.*) Toma essa. E se não queres enfadar-te a abrir, bate quatro pancadas nesta janella. Joanna pensará que sou eu, e voará a receber-te. Adeos. (*Sahe.*)

### SCENA VIII.

GILBERTO, só.

Partio!... já aqui não está.... e não o calquei, não o esmaguei debaixo de meus pés!... deixa-lo eu partir! não ter armas comigo!... (*Vendo no chão o punhal com que Fabiani assassinára o judeo, levanta o furioso.*) Ah! tarde vieste!... só me poderás matar a mim. Não importa!... cahido do céu ou vomitado pelo inferno, eu te abençôo! Joanna a traiçoar-me!... entregar-se áquelle infame!... Joanna herdeira de lord Talbot!... Joanna morreu para mim!... O meu Deos! destes-me n'uma hora mais dôres do que meu coração póde soffrer! (*Simão Renard apparece no fundo da scena.*) Quero vingar-me deste homem! vingar-me de lord Clambrassil!... Irei ao paço? Expulsar-me hão como se fôra um cão. Oh!.... eu endoudeço!... perco o juizo!... Quero vingar-me e morrer! Dou todo o meu sangue pela vingança!... Quem fará comigo este contracto: vingar-me de lord Clambrassil, e receber em troca minha vida?

### SCENA IX.

GILBERTO, SIMÃO RENARD.

SIMÃO RENARD.

Eu.

GILBERTO.

Tu? e quem és tu?

SIMÃO RENARD.

O homem que desejas.

GILBERTO.

E sabes quem eu sou?

SIMÃO RENARD.

O homem que procuro.

GILBERTO.

Sabes que tenho uma só idéa: vingar-me de lord Clambrassil e morrer.

SIMÃO RENARD.

Serás vingado de lord Clambrassil, e morrerás.

GILBERTO.

Não me importa quem és; eu te agradeço.

SIMÃO RENARD.

Terás a vingança que desejas, mas não te esqueça a condição: quero a tua vida.

GILBERTO.

Dispõe della.

SIMÃO RENARD.

Estamos justos?

GILBERTO.

Estamos.

SIMÃO RENARD.

Segue-me.

GILBERTO.

Aonde?

SIMÃO RENARD.

A seu tempo o saberás.

GILBERTO.

Lembra-te que me prometteste vingar-me!

SIMÃO RENARD.

Lembra-te que me prometteste morrer!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.





ACTO SEGUNDO.

Um quarto da rainha; uns evangelhos abertos sobre um genuflexório; a corôa real sobre um tamborete; portas aos lados e uma grande no fundo, parte da qual está coberta com uma tapeçaria d'alto liço.

SCENA PRIMEIRA.

A RAINHA *esplendidamente vestida, recostada sobre um sofá; junto della FABIANO FABIANI, magnificamente ataviado, com a garrotea, assentado em um banco de dobrar.*

FABIANI, *cantando á guitarra.*

Não, linda gloria desta vida tua,  
Despe os temores d'eu querer deixar-te.  
Eu! que jurei d'amar-te!  
A sorte amarga e crua  
Não fará que perjure a sã vontade  
D'amar em ti a minha divindade.

(*Pouza a guitarra no chão.*) Quanto vos amo, senhora!  
Oh! não ha palavras que possam explica-lo... Mas  
Simão Renard, que manda aqui mais que a rainha,  
quanto o aborreço!

A RAINHA.

Muito bem sabeis que nada contra elle posso. É o  
embaixador do principe de Hespanha em minha côr-  
te, o representante de meu futuro marido.

FABIANI.

Vosso futuro marido!...

A RAINHA.

Deixemos por agora essa lembrança. Não vos amo  
eu? que mais podeis desejar que o meu amor?...  
Além disso, não teriamos tempo de fallar; chegado é  
o momento de separar-nos.

FABIANI.

Meis um instante, Maria.

A RAINHA.

Não tarda que o conselho se reuna. É preciso que  
a mulher ceda o lugar á rainha.

FABIANI.

Mas se eu quero que a mulher faça esperar a  
rainha.....

A RAINHA.

Quero?... quero?... Olhai para mim, mylord!  
Que joven e encantadora cabeça!

FABIANI.

Belleza, senhora, sois vós que a possuis; e tanta,  
que só ella bastaria para que todos vos obedecessem.  
Ha em vossa cabeça um não sei que que diz que sois  
rainha, sem que para o provar se necessite de corôa.

A RAINHA.

Como sois lisonjeiro!

FABIANI.

Quanto te amo!

A RAINHA.

Tu amas-me?... e amas só a mim?... Repete, re-  
pete outra vez, e com os mesmos olhos com que o  
disseste da primeira!... Ah! nós, pobres mulheres,  
nunca sabemos com verdade o que se passa no coração  
dos homens. Somos obrigadas a acreditar seus olhos;  
e muitas vezes, Fabiano, os mais bellos são os que  
mais mentem. Mas os teus não podem mentir! Ha  
nelles tanta lealdade, tanta candura, tão boa fé!...  
Sim, meu bello pagem, teu olhar é innocente, sin-  
cero.... Seria infernal que o dono de olhos tão cele-  
stiaes os possuísse para enganar!... Os teus, Fabiano,  
ou são de anjo ou de demonio.

FABIANI.

Nem demonio nem anjo; um homem que vos  
ama.

A RAINHA.

Que ama a rainha?

FABIANI.

Não, a Maria.

A RAINHA.

Escuta, Fabiano: Eu tambem te amo; porém tu és  
tão moço.... ha tanta mulher bonita que olha para  
ti com ternura!... Eu bem o sei, uma rainha pôde  
tambem enfastiar.... Não me interrompas.... Se al-  
gum dia amares outra mulher, quero que m'o digas;  
talvez te perdôe se m'o disseres.... Não me interrom-  
pas.... Tu não és capaz de avaliar o amor que te tenho;  
nem eu mesma sei!... Ha momentos, é certo, que  
mais folgára ver-te sem vida que feliz com outra mu-  
lher; porém tambem os ha em que desejára o con-  
trario.... Meu Deos!... com que fim quererão fa-  
zer me passar no mundo por uma mulher má?...

FABIANI.

E como seria eu feliz senão contigo?... contigo,  
a quem amo unicamente?

A RAINHA.

Isso é verdade, Fabiano? Olha para mim!... tua  
boca não mente?... Momentos ha em que sou zelosa;  
figura-se-me.... e que mulher deixa de ter semelhantes



idéas?... figura se-me ás vezes que me enganas.... De-sejava ser invisível e poder acompanhar-te sempre, saber o que fazes, o que dizes, onde estás.... Nunca ouviste fallar de uma fada que possuía um anel que tornava invisível a pessoa que o trazia? Daria minha corôa por elle!... Sempre imagino que vais á cidade ver alguma mulher formosa.... Olha lá! não me enganes.

FABIANI.

Desterrai taes idéas. Eu enganar-vos, senhora!... á minha rainha!... á minha boa ama!... seria o mais ingrato, o mais miseravel dos homens. E dei-vos eu já motivos para ser julgado tal?... Maria, eu amo-te, adoro-te.... Nem olhar para outra mulher me era possível. Amo-te só a ti, torno a dizer; e não o conheces tu em meus olhos?... Não divisas nelles a sinceridade de minhas fallas?... Repara bem: tenho algum signal que vos inspire receio de traição? Quando um homem atraiçôa uma mulher, facilmente se conhece, e muito innocente ha de ser a que tal não descobrir. E em que occasião te lembras de ter zelos, Maria?... agora que te amo mais que nunca; que uma força occulta e incomprehensível me liga cada vez mais a ti. É verdade, não sei por que motivo me parece que hoje te amo como nunca.... Não é á rainha a quem fallo: dessa escarneço eu. Que podia ella fazer? Mandar-me cortar a cabeça? E que me importava isso?... Tu, Maria, podes despedaçar-me o coração. Não é á vossa magestade que eu amo, é a ti, é a tua branca e macia mão, Maria, que eu beijo e adoro, e não vosso sceptro, senhora.

A RAINHA.

Saberei ser grata, Fabiano. Adeos. Meu Deos!... como sois joven, mylord!... que bellos cabellos pretos!... que encantadora cabeça!... Daqui a uma hora voltaí.

FABIANI.

O que chamais uma hora chamarei um seculo. *(Sahe.)*  
*(A rainha levanta-se precipitadamente logo que elle desaparece; vai direita a uma porta occulta, abre-a, e entra por ella Simão Renard.)*

## SCENA II.

A RAINHA, SIMÃO RENARD.

A RAINHA.

Entraí, Sr. bailio. Estivestes sempre ahí? ouvistes-o?

SIMÃO RENARD.

Ouvi, senhora.

A RAINHA.

Que vos parece? É o homem mais falso e velhaco que cobre o sol! Que vos parece?

SIMÃO RENARD.

Parece-me, senhora, que é um homem com um nome acabado em i.

A RAINHA.

Sabeis de certo que elle vai á casa dessa mulher? vistes-o?

SIMÃO RENARD.

Não fui eu só que vi; vio Chandos, Clinton, Montagu, dez testemunhas.

A RAINHA.

Que iafame!

SIMÃO RENARD.

E não baste nosso testemunho, que mais clara prova possuímos para convencer a rainha. A rapariga ali está; mandei-a prender esta noite em casa.

A RAINHA.

Será isso um crime que baste para lhe cortar a cabeça?

SIMÃO RENARD.

Certo que não, senhora. Passar a noite em casa de uma rapariga não é crime capital. Por motivo igual mandou vossa magestade processar Trogmorton, e os juizes absolvêrão-n'o.

A RAINHA.

Mas forão castigados.

SIMÃO RENARD.

Evitemos a necessidade de castigar os de Fabiani.

A RAINHA.

Então como vingar-me do traídor?

SIMÃO RENARD.

Quer vossa magestade vingar-se por algum modo particular?

A RAINHA.

O unico digno de mim.

SIMÃO RENARD.

Trogmorton, senhora, foi absolvido. Ha todavia um meio: já o propuz á vossa magestade. O homem está ali.

A RAINHA.

E fará tudo que eu quizer?

SIMÃO RENARD.

Comtanto que tambem se lhe faça o que elle deseja.

A RAINHA.

Não duvida morrer?

SIMÃO RENARD.

Com algumas condições.

A RAINHA.

Sabeis o que quer?



SIMÃO RENARD.

O mesmo que vossa magestade deseja, vingar-se.

A RAINHA.

Mandai-o entrar, e ficai onde possais ouvir-nos. Sr. bailio!...

SIMÃO RENARD, *voltando se.*

Senhora?

A RAINHA.

Que mylord Chandos esteja na sala proxima com seis homens de minha guarda promptos; e esteja tambem prompta essa rapariga. Podeis ir. (*Simão Renard sahe.*) Será um a terrivel scena!

(*Abre-se uma das portas lateraes, e entram Simão Renard e Gilberto.*)

## SCENA III.

A RAINHA, GILBERTO, SIMÃO RENARD.

GILBERTO.

Diante de quem estou eu?

SIMÃO RENARD.

Diante da rainha.

GILBERTO.

Da rainha?

A RAINHA.

Da rainha, sim; eu sou a rainha. Não temos tempo para espantos. Vós sois o mestre Gilberto, morais não sei aonde, na borda do Tamisa, em companhia de uma tal Joanna, que é vossa noiva, e que vos enganou, e é amante de Fabiano, que me enganou a mim. Quereis vingar-vos, e eu não desejo outra cousa. É necessario porém, para o conseguir, dispôr de vossa vida a meu bel prazer. Repetireis o que eu disser, seja o que fôr. Para vós não haverá verdade nem mentira, bem nem mal, justo nem injusto. Vingança, só vingança.... Fareis quanto eu mandar. Consentis nisto?

GILBERTO.

Senhora....

A RAINHA.

Serás vingado, mas perderás a vida. Dize tuas condições. Tens uma mãe decrepita? queres que t'a pese a cura? Falla, serás satisfeito. Vende-me tua vida; não lhe faço preço.

GILBERTO.

Senhora, mudei de pensar; já não quero morrer.

A RAINHA.

Que dizes?

GILBERTO.

Reflecti toda a noite no caso, e achei que não estava provado. Quem me diz que lord Clambrassil não mentio? que a chave não foi roubada? que o bilhete não foi escripto por força? Nem eu bem vi a lettra;

era noite; os zelos me cegavão; não via nada.... Não posso pois dispôr de minha vida, que é de Joanna. Não tenho certeza de nada; ainda não vi Joanna.

A RAINHA.

Bem se conhece que a amas; estás como eu; resistes a todas as provas. E se a vires, a tua Joanna, e lhe ouvires confessar seu crime, farás o que desejo?

GILBERTO.

Com uma condição.

A RAINHA.

Depois a saberemos. (*A Simão Renard.*) Aqui já a mulher. (*Simão Renard sahe. A rainha vai collocar Gilberto no fundo da scena atraz de uma cortina.*) Deixa te estar aqui. (*Entra Joanna tremula e pallida.*)

## SCENA IV.

A RAINHA, JOANNA, GILBERTO *occulto.*

A RAINHA.

Approxima-te; sabes quem somos?

JOANNA.

Sim, senhora.

A RAINHA.

Conheces o homem que te seduzio?

JOANNA.

Sim, senhora.

A RAINHA.

Elle enganou-te? Disse-te que era um cavalheiro chamado Amyas Pawlet?

JOANNA.

Sim, senhora.

A RAINHA.

Porém agora sabes que é Fabiano Fabiani, conde de Clambrassil?

JOANNA.

Sim, senhora.

A RAINHA.

Quando te prendêrão esta noite, estavas esperando por elle?

JOANNA, *erguendo as mãos.*

Senhora, por quem sois!...

A RAINHA.

Responde.

JOANNA, *com voz sumida.*

Estava, sim, senhora.

A RAINHA.

Sabes pois que não ha nada a esperar nem para ti nem para elle?

JOANNA.

Só a morte; e isso mesmo é esperança.



A RAINHA.

Conta-me como foi. Onde o encontraste a primeira vez?

JOANNA.

A primeira vez que o vi, senhora, foi.... Mas de que serve tudo isto?... Sou uma desgraçada do povo, pobre e vã, louca e namorada, amiga de enfeites e de bellos exteriores, que se deixou illudir pela bella figura de um cavalheiro. Que quereis saber mais? fui seduzida, estou deshonrada, perdida!... Não tenho mais que dizer. Não vêdes, senhora, que cada palavra que digo é um punhal que me atravessa o coração?...

A RAINHA.

Muito bem.

JOANNA.

Bem conheço, senhora, que vossa colera é terrível, e minha cabeça desde já se curva ao castigo que lhe preparais.

A RAINHA.

Castigo a ti?... eu! Que tenho eu contigo, louca? Quem és tu, desgraçada creatura, para que a rainha se occupe do teu castigo? Meu caso é com Fabiani. A ti, mulher, alguém te castigará, mas não hei de ser eu.

JOANNA.

Embora, senhora! seja quem fôr o encarregado do meu supplicio, soffre-lo-hei sem queixar-me; chegarei até a agradecer-lo, se me fizerem o que vou pedir: Ha um homem, senhora, que me adoptou desde o berço, que me alimentou e educou, de quem fui amada, de quem o sou ainda; um homem de quem me tornei indigna, para com quem fui bem criminosa, e cuja imagem, comtudo, querida, augusta, sagrada como a de Deos, existirá sempre no meu coração.... um homem que neste momento talvez, encontrando sua casa abandonada e só, e ignorando o motivo, arranca seus cabellos de desesperação.... este homem, senhora, não o tireis de sua ignorancia.... Que não saiba mais de mim!... Fazei-me desaparecer sem que elle conheça o meu destino nem tenha noticias de meu crime!... Expliquei eu bem o que queria?... Meu Deos!... entendeis o que pretendo?... Elle era meu amigo, meu amigo nobre e generoso.... estimava-me, julgava-me innocente e pura; que não perca de mim tal idéa, que me não aborreça e despreze!... Tende compaixão, senhora!... A estina deste homem, senhora, é para mim de muito mais preço que a vida.... E que seria delle sabendo-o? Qual não seria sua dôr e surpresa?... Nem quereria acreditar-lo; de certo o não acreditava. Meu Deos!... pobre Gilberto!... Por quem sois, senhora, compadecei-vos de mim! Elle nenhum mal vos fez; que ignore tudo!... Se conhecesse meu crime, matava-me; se sonbesse de minha morte, morreria.

A RAINHA.

O homem de quem fallais vos escuta: seja elle vosso juiz, escolha-vos o castigo. (*Gilberto apparece.*)

JOANNA.

Bom Deos!... Gilberto!...

GILBERTO, á rainha.

Minha vida é vossa, senhora.

A RAINHA.

Ha alguma condição a propôr?

GILBERTO.

Sim, senhora.

A RAINHA.

Qual é? De antemão vos damos nossa real palavra de ser por nós aceita.

GILBERTO.

Dai-me attenção, senhora; é uma cousa muito simples, uma divida de gratidão que pago a um cavalheiro de vossa côrte que me tem dado muito dinheiro a ganhar pelo meu officio. Trata-se de um fidalgo que ama secretamente uma dama com quem não pôde casar porque descende de uma raça proscripta. É filha e unica herdeira do derradeiro lord Talbot, degollado em tempo de Henrique VIII, a qual até hoje tem vivido incognita.

A RAINHA.

Que dizes? Existe por ventura com vida uma filha de João Talbot? do bom lord catholico, do leal defensor de minha mãe d'Aragão?... Se tal é, por minha corôa o juro, essa menina ficará sendo minha filha. Os sacrificios que João Talbot fez pela mãe de Maria de Inglaterra, fa-los ha Maria de Inglaterra pela filha de João Talbot.

GILBERTO.

Então muito folgará vossa magestade restituindo-lhe os bens que forão de seu pai?

A RAINHA.

E tirando-os a Fabiani.... Mas como se sabe isso?

GILBERTO.

Em meu poder existem incontestaveis provas.

A RAINHA.

E quando assim não fosse, em nossa mão estava o arranjar-las. Para alguma cousa ha de servir-nos ser rainha.

GILBERTO.

Vossa magestade restituirá á filha de lord Talbot os bens, titulos, posição social, nome, armas e divisa de seu pai; levantar-lhe-ha a proscricção, garantir-lhe-ha sua vida, e fará com que ella case com o homem de quem fallo, unico que pôde desposar-la. Eis-aqui minhas condições: cumpridas que sejam, podeis dispôr



de mim como de um escravo. Minha vida, minha liberdade, minha vontade serão propriedade da rainha.

A RAINHA.

Bem; far-se-ha quanto acabas de dizer.

GILBERTO.

Jura-o a rainha de Inglaterra, a mim, Gilberto, mestre abridor, por sua corôa, pelos sagrados evangelhos?

A RAINHA.

Sim, juro por esta real corôa, por aquelles sagrados evangelhos, que farei o que desejas.

GILBERTO.

Está o contracto concluido, senhora. Mandai preparar a tumba para Gilberto, e o leito nupcial para os noivos. O homem de quem fallei é Fabiano Fabiani, conde de Clambrasil; a herdeira de lord Talbot é Joanna.

JOANNA.

Que diz elle?

A RAINHA.

Este homem estará doudo? Que quererá isto dizer? Lembro-vos, mestre, que é um atrevimento indesculpavel escarnecer da rainha de Inglaterra, e que em salas reaes se devem pesar todas as palavras. Occasiões ha em que a boca faz cabir a cabeça.

GILBERTO.

Minha cabeça, senhora, é vossa; porém o juramento da rainha é meu.

A RAINHA.

Isso é impossivel; vós não fallais seriamente. Fabiano!... Joanna!... Acabai.

GILBERTO.

Joanna é a unica filha de lord Talbot e sua legitima herdeira.

A RAINHA.

Sonhos!... chimeras!... Que é das provas?

GILBERTO.

Tenho-as eu incontestaveis. (*Tira um masso de papeis do seio.*) Lêde estes papeis.

A RAINHA.

Não tenho agora tempo de ler papeis. Que me importão vossos papeis? pedi-vos alguns papeis? Se envolvem alguma prova do que dizeis, lança-los-hei ao fogo: vestigio nenhum ficará delles.

GILBERTO.

Fica o vosso juramento, senhora.

A RAINHA.

O meu juramento!... o meu juramento!...

GILBERTO.

Por vossa corôa, pelo evangelho, por vossa cabeça e por vossa alma; a vida neste mundo e no outro.

A RAINHA.

Perdeste o siso? sabes o que pedes?

GILBERTO.

Restitui a Joanna tudo quanto perdeu; proclama-a filha de lord Talbot e mulher de lord Clambrasil, depois matai-me.

A RAINHA.

Para que quero eu matar-te? Que me importa tua vida sem me vingar de Fabiano?... Não entendes o que digo? tambem te não entendo. Fallavas ha pouco em vingar-te; é assim que te vingas?... Muito estupidos são estes villões!... E cuidas que dou credito a essa ridicula anecdota de uma herdeira de lord Talbot?... Mostras-me papeis, não quero vê los.... Atraiçoa-te uma mulher, e queres ser generoso!... Muito bem; mas eu não sou generosa; tenho o odio e a raiva no coração.... Quero vingar-me!... quero que me ajudes!... Este homem está louco, decididamente louco!... E precisar eu delle!... É uma desgraça precisar de semelhante gente....

GILBERTO.

Tenho vossa palavra de rainha catholica. Lord Clambrasil seduzio Joanna, ha de casar com ella.

A RAINHA.

E se elle não quizer?

GILBERTO.

Obriga-lo-heis.

JOANNA.

Por quem sois, Gilberto, não; tende compaixão de mim.

GILBERTO.

Pois bem: se o infame não quizer, fazei delle e de mim o que vos aprover.

A RAINHA, muito alegre.

Isso quero eu.

GILBERTO.

Acontecendo assim, farei quanto a rainha me ordenar, comtanto que a corôa de condessa de Waterford seja solememente posta na cabeça de Joanna.

A RAINHA.

Obedecer-me-heis em tudo?

GILBERTO.

Em tudo.

A RAINHA.

Morrerás como eu quizer?

GILBERTO.

Como vossa magestade quizer.

JOANNA.

Meu Deos!...

A RAINHA.

Jura-lo?



GILBERTO.

Juro.

A RAINHA.

O caso pôde assim arranjar-se. Basta: tenho tua palavra, tens a minha. Está dito. (*Parece reflectir um instante. Depois diz a Joanna.*) Não és aqui precisa; vai-te. Voltarás quando te chamarem.

JOANNA.

Que fizeste, Gilberto?... (*A parte.*) Sou bem miserável!... nem ousa olhar para elle! É mais que um anjo! tem as virtudes dos anjos com as paixões dos homens. (*Sahe.*)

## SCENA V.

A RAINHA, GILBERTO, depois SIMÃO RENARD,  
LORD CHANDOS, GUARDAS.

A RAINHA, a Gilberto.

Tens alguma arma? um punhal? qualquer cousa?

GILBERTO, tirando um punhal.

Eis-aqui um punhal.

A RAINHA.

Isso mesmo.... segura-o bem, assim.... (*Pega-lhe vivamente no braço.*) Sr. bailio de Aumont! lord Chandos! (*Entrão Simão Renard, Lord Chandos e guardas.*) Prendão este homem. Ergueu um punhal sobre mim; sustive-o a tempo. É um assassino.

GILBERTO.

Senhora....

A RAINHA, baixo a Gilberto.

Esqueces nossas condições? É assim que fazes quanto quero? (*Alto.*) Seiais todos boas testemunhas em como sua mão segurava ainda o punhal. Sr. bailio, como se chama o carrasco da Torre de Londres?

SIMÃO RENARD.

Mac Dermoti. É um Irlandez.

A RAINHA.

Chamem-no: quero fallar-lhe.

SIMÃO RENARD.

A rainha quer fallar ao carrasco?

A RAINHA.

Sim, a rainha quer fallar ao carrasco; a cabeça fallará á mão. (*Um guarda sahe.*) Mylord Chandos, e vós, senhores, sois responsaveis pôr este homem. Guardai-o entre vós; cousas vão aqui passar-se que elle deve presenciar. Sr. tenente de Aumont, lord Clambrassil está no paço?

SIMÃO RENARD.

Na camara pintada aguarda o momento em que a rainha haja por bem recebê-lo.

A RAINHA.

Não suspeita nada?

SIMÃO RENARD.

Não, senhora.

A RAINHA, a lord Chandos.

Mandai-o entrar.

SIMÃO RENARD.

Toda a côrte espera a mesma hora. Não entrará ninguém primeiro que lord Clambrassil?

A RAINHA.

Quaes são os fidalgos que odião Fabiano?

SIMÃO RENARD.

Todos.

A RAINHA.

Os que o aborrecem mais?

SIMÃO RENARD.

Clinton, Montagu, Sommerset, o conde de Derby, Gerard, Fitz Gerard, lord Paget e o lord Chancellor.

A RAINHA.

Entrem todos menos o lord Chancellor. (*Lord Chandos sahe.*) (*A Simão Renard.*) O digno bispo Chancellor não odia Fabiano menos que os outros, cemtudo é muito escrupuloso. (*Vendo os papeis de Joanna, que Gilberto lhe deu.*) Ah! vejamos estes papeis. (*Emquanto a rainha examina os papeis, entrão pela porta do fundo todos os fidalgos indicados, saudando-a profundamente.*)

## SCENA VI.

OS MESMOS, LORD CLINTON, OS OUTROS FIDALGOS.

A RAINHA.

Bons dias, senhores; Deos vos tenha em sua santa guarda, mylords. (*A lord Montagu.*) Antony Brown, vossa digna resistencia a João de Montmorency e ao Sr. de Tolosa em minhas negociações com o imperador meu tio nunca me esquecerá.... Lord Paget, hoje mesmo recebereis as cartas de barão Paget de Beaudesert em Stafford.... Ah! nosso velho e bom amigo lord Clinton, ainda somos a vossa boa amiga. Fostes o exterminador de Thomaz Wyat na planicie de S. João, e não ha Inglez que não deva lembrar-se desse dia.... desse dia em que a corôa de Inglaterra foi salva por uma ponte que abrio ás minhas tropas caminho a'ê aos rebeldes, e por um baluarte que impedio que os rebeldes se approximassem da minha pessoa. A ponte foi a de Londres; o baluarte foi lord Clinton.

LORD CLINTON, baixo a Simão Renard.

Ha seis mezes que a rainha me não falla.... Como está hoje amavel!



SIMÃO RENARD.

Esperai, mylord ; que logo estará ainda mais.

A RAINHA, *a lord Chandos.*

Mylord Clambrassil pôde entrar. (*A Simão Renard.*)  
Dez minutos depois da sua chegada.... (*Acaba de lhe fallar ao ouvido, indicando-lhe com odedo a porta por onde tiver sahido Joanna.*)

SIMÃO RENARD.

Tenho entendido, senhora. (*Entra Fabiani.*)

## SCENA VII.

OS MESMOS, FABIANI.

A RAINHA.

Ei-lo que chega. (*Conversa em voz baixa com Simão Renard.*)

FABIANI, *a parte, saudando a todos e olhando em volta de si.*

Que será isto?... Inimigos por todos os lados!...  
A rainha fallando baixo com Simão Renard!... Diabo!... Rio-se; máo signal!

A RAINHA, *com bom modo a Fabiani.*

Guarda-vos Deos, mylord.

FABIANI, *beijando-lhe a mão.*

Senhora.... (*A parte.*) Sorrio-se para mim. Respiro; o caso não é comigo.

A RAINHA, *conduzindo-o para a frente da scena.*

Tenho que vos dizer.

FABIANI.

Igual desejo tenho, senhora; quero reprehender-vos. Estar tanto tempo sem mim! Ah! tal não aconteceria se longe de mim pensasseis tanto em mim como eu em vós.

A RAINHA.

Sois injusto: depois que me deixastes, só de vós me tenho occupado.

FABIANI.

Devéras! Serei eu tão feliz? Tornai a dizer.

A RAINHA, *sorrindo-se.*

Juro-vos lo.

FABIANI.

Então amais-me tanto como eu vos amo.

A RAINHA.

Exactamente. Só em vós tenho pensado, e com tanta fortuna, que consegui fazer-vos uma surpresa agradável.

FABIANI.

Uma surpresa! qual é?

A RAINHA.

Um encontro que vós encherá de prazer.

FABIANI.

De quem?

A RAINHA.

Adivinhai. Não sois capaz!

FABIANI.

Certo que não, senhora.

A RAINHA.

Voltai-vos. (*Fabiani volta-se, e vê Joanna em pé na soleira da porta pequena meia aberta.*)

FABIANI, *a parte.*

Joanna!

JOANNA, *a parte.*

É elle!

A RAINHA, *continuando a rir.*

Conheceis esta rapariga, mylord?

FABIANI.

Não, senhora.

A RAINHA.

Rapariga, conheceis mylord?

JOANNA.

Antes morrer que mentir; conheço, sim, senhora.

A RAINHA.

Então, mylord, não conheceis esta rapariga?

FABIANI.

Querem perder-me, senhora: estou rodeado de inimigos. Esta mulher de certo se ligou com elles. Não a conheço; não sei quem ella é.

A RAINHA, *levantando-se e batendo-lhe com uma luva na cara.*

Ah! és um infame!... Atraiçoaste uma e renegas a outra!... Não sabes quem é esta mulher?... Queres que t'o diga eu?... É Joanna Talbot, filha de João Talbot, um cavalheiro catholico morto no cadafalso por causa de minha mãe.... É Joanna Talbot.... minha prima; Joanna Talbot, condessa de Shrewsbury, condessa de Wexford, condessa de Waterford, herdeira de um par de Inglaterra. Sabes agora quem é?... Lord Paget, tomai nota de nossas palavras; como commissario que sois do sello privado. A rainha de Inglaterra reconhece solemnemente esta joven menina por Joanna, filha e unica herdeira do derradeiro conde de Waterford. (*Mostra os papeis que lhe deu Gilberto.*) Eis-aqui os titulos e provas que fareis sellar com o grande sello. Tal é nossa vontade. (*A Fabiani.*) É a condessa de Waterford.... está plenamente verificado; e tu, miseravel, entregar-lhe-has quanto possues.... Não conheces esta mulher?... Ignoras quem é?... Pois eu t'o digo: É Joanna Talbot!... Queres saber mais? (*Olhando para elle e fallando-lhe por entre os dentes.*) É a tua amante, infame.

FABIANI.

Senhora....



A RAINHA.

Disse quem ella era; agora ouvirás quem tu és. És um homem sem alma, sem coração, sem espirito!... És um velhaco, um miseravel!... És... Não se afastem, mylords; ouçam todos; estimo que todos saibão o que vou dizer-lhe; fallarei bem alto. És um miseravel, Fabiani; um traidor para mim, um infame para ella!... És um criado mentiroso, o mais baixo, o mais vil dos homens!... E fiz-te conde de Clambrasil, barão de Dinasmindy e barão de Darmouth em Devonshire!... Que loucura!... Perdoai, mylords, perdoai ter-vos posto a par de semelhante homem!... Tu cavalheiro! gentilhomem! fidalgo!... Compara-te com aquelles, miseravel!... Olha em volta de ti!... conhece o que são fidalgos!... Ali tens Bridges, Barão Chaudos; Seymour, duque de Somerset.... Ali tens um Stanley, condes de Derby desde 1485!... Um Clinton, barões Clinton desde 1298!... Pensas que te pareces com elles?... Tu que tão falsa e impudentemente te dizes parente dos Penalvas em Hespanha, és um vil Italiano.... És nada, menos que nada. És filho de um fabricante de meias!... Eu bem o sabia, mas não queria dizer-lo; occultava-o e fingia acreditar sua nobreza. É como são as mulheres!... E não estar eu agora rodeada de mulheres que aproveitem esta lição!... Miseravel!... engana uma mulher e renega a outra.... Infame!... és muito infame!... E ainda estás em pé? ainda te não ajoelhaste? De joelhos, Fabiani. Mylords, obriguem este homem a ajoelhar-se.

FABIANI.

Vossa magestade....

A RAINHA.

Um miseravel que enchi de beneficios! um laiaio napolitano que fiz cavalheiro dourado e conde de Inglaterra!... Eu bem devia esperar isto mesmo!... Quantas vezes m'o advertirão!... Se eu sou assim!... Obstino-me, e só depois sei conhecer o erro. A culpa é unicamente minha. Italiano quer dizer velhaco; Napolitano quer dizer infame. Nunca meu pai se servio com Italianos que não tivesse de arrepender-se. Vês a que homem te entregaste, lady Joanna? Pobre menina, eu te vingarei.... Eu já devia saber que da algibeira de um Italiano só pôde sair um punhal, e de sua alma a traição.

FABIANI.

Senhora, juro-vos....

A RAINHA.

Será tambem perjuro? será vil em tudo?... Cobrir-nos-ha completamente de vergonha diante desta gente toda.... a nós, pobres mulheres, que o amamos?... Não ousa já levantar a cabeça?

FABIANI.

Ouso, sim, senhora. Bem vejo que estou perdido,

que minha morte está resolvida; empregareis todos os meios, o veneno, um punhal.

A RAINHA, agarrando-o pelas mãos e trazendo-o com vehemencia para a frente da scena.

O veneno! um punhal!... Que dizes, Italiano?... A vingança traiçoeira!... a vingança vergonhosa, escondida!... a vingança da tua terra!... Nada, Sr. Fabiani, nem veneno, nem punhal. Não quero occultar minha vingança!... Não empregarei nocturnas emboscadas; seria indigno de mim; quero o dia claro... meio dia, com o sol brilhante, no meio da praça publica coberta de povo, um cutello, um cepo, na presença de todos!... Janellas, telhados, tudo estará cheio de gente a contemplar minha vingança!... Quero infundir terror, entendes?... Uma vingança esplendida, magnifica, espantosa!... Quero que o mundo todo diga: É uma rainha que vinga a mulher ultrajada!... O valido tão invejado, o bello mancebo insolente que cobri de velludo e setim, quero vê-lo tremulo, espavorido, curvado, de joelhos n'um panno negro, descalço, com as mãos ligadas, apupado pelo povo, enxovalhado pelo carrasco!... Quero enroscar uma corda naquelle pescoço branco onde outr'ora enleei um collar de ouro.... Vi o effeito de Fabiani sobre o throno, quero vê-lo tambem sobre o cadafalso.

FABIANI.

Senhora....

A RAINHA.

Nem uma palavra mais. Subirás ao patibulo como subirão Suffolk e Northumberland. Quero dar esse alegrão á minha boa cidade de Londres. Sabes como toda te abomina!... Bello é por certo, para uma mulher que quer vingar-se, ser Maria, dama e rainha de Inglaterra, filha de Henrique VIII, senhora de quatro mares!... Quando chegardes ao alto do cadafalso, Fabiani, arengai longamente ao povo, como fez Northumberland, ou fazei longa oração a Deos, como fez Suffolk; entretanto talvez chegue o perdão.... Tomo o céo por testemunha que nunca te perdoarei. És um traidor, miseravel velhaco, que ainda esta manhã me chamava por tu!... Parecer-vos-ha estranho, senhores, que assim falle diante vós; não vos admireis; nada me importa. (*A lord Sommerset.*) Mylord duque, sois o condestavel da Torre; pedi a espada a este homem.

FABIANI.

Ei-la aqui, mas não posso deixar de protestar. Dado mesmo o caso de que eu seduzisse uma mulher....

A RAINHA.

E que me importa que tu seduzisses uma mulher? trato eu agora disso? Muito boas testemunhas são todos estes senhores de que tal caso me é perfeitamente indifferente.

FABIANI.

Seduzir uma mulher não é crime capital: o exem.



plo de Trogmorton deve tê-lo feito saber a vossa magestade.

A RAINHA.

Agora insulta-nos; torna-se o verme serpente. Quem te disse que esse era teu crime?

FABIANI.

Então qual é? Eu não sou Inglez, nem subdito de vossa magestade. Sou subdito do rei de Napoles, vassallo do Padre Sauto. Notificarei o eminentissimo Cardeal Polus, seu legado, para que me reclame. Hei de defender-me, senhora. Só posso ser processado por um crime, um verdadeiro crime. Qual é o meu?...

A RAINHA.

Perguntas qual é teu crime?

FABIANI.

Pergunto, sim, senhora.

A RAINHA.

Todos vós, mylords, ouvistes a pergunta que elle me fez; ouvireis tambem minha resposta. Prestai bem attenção; tomai todos sentido, todos, todos. Vereis que uma só pancada d'um pé meu basta para que da terra saia um cadafalso. Chandos! Chandos! abri a porta grande! entre toda a côrte! entre todo o n undo! (*Abre-se a grande porta do fundo, e entra toda a côrte.*)

### SCENA VIII.

Os MESMOS, LORD CHANCELLER, TODA A CÔRTE.

A RAINHA.

Entraí, mylords, entraí. Sinto um verdadeiro prazer em vos ver hoje. Bem, muito bem. Os officiaes de justiça para aqui, mais perto; onde estão os meirinhos da camara dos lords, Harriot e Llanesillo?... Ah! ei-los aqui... Sejais bem vindos, senhores. Desembainhai vossas espadas: bem. Collocai-vos á direita e esquerda deste homem: é vosso prisioneiro.

FABIANI.

Senhora, qual é meu crime?

A RAINHA.

Mylord Gardiner, meu sabio amigo, chancellor de Inglaterra, nós vos fazemos saber que deveis reunir-vos em commissão, vós e os doze commissarios da Camara Estrellada, que muito sentimos não ver aqui. Extraordinarias cousas se passam no meu palacio. Escutai, mylords: Conhecidas vos são as tramas de minha irmã Izabel; não vos terá esquecido a conspiração de Pietro Caro em Exeter, e sua correspondencia symbolica com Izabel por via de letras combinadas abertas n'uma guitarra; tereis tambem presente a traição de Thomaz Wyat, que sublevou o condado de Kent; e não é menos memoravel a rebelião do duque de Suffolk, surprehendido na cavidade de uma arvore

depois da destruição dos do seu bando.... Temos hoje um novo attentado; oução todos. Hoje, esta manhã, appresentou-se um homem em audiencia, e depois de me dirigir algumas palavras, ergueu sobre mim um punhal que pude evitar a tempo. Lord Chandos e o Sr. bailio d'Aumont prendêrão-no, e acaba de declarar que fôra instigado a perpetrar o crime por lord Clambrasil.

FABIANI.

Por mim?... Isso é falso. Que horrorosa lembrança!... Esse homem não pôde existir; ninguém o encontrará. Quem é elle? quem é elle?

A RAINHA.

Ei-lo.

GILBERTO, *sahindo de traz da guarda que o occultava.*

Sou eu.

A RAINHA.

Em consequencia pois das declarações deste homem, nós, Maria, rainha, accusamos ante a Camara Estrellada Fabiano Fabiani, conde de Clambrasil, d'alta traição e regicidio intentado sobre nossa real e sagrada pessoa.

FABIANI.

Eu regicida!... que monstruosa idéa!... Perco o juizo! a vista se me turba!... Que trama é esta?... Quem quer que és, miseravel, ousas affirmar o que a rainha diz?

GILBERTO.

Ouso, sim.

FABIANI.

Instiguei-te ao regicidio?... eu?

GILBERTO.

Instigastes, sim.

FABIANI.

Sim! sempre sim!... Maldição!... Isto é uma falsidade, senhora. Não é possível conceber o tamanho de tão infernal aleivosia!... Este homem sabio do inferno!... Desgraçado!... queres perder-me, e ignoras que te perdes tambem. O crime com que me enteras enterra-te tambem a ti. Morro, mas tu morres tambem. Uma palavra só faz cahir duas cabeças, a minha e a tua. Sabe-lo tu, insensato?

GILBERTO.

Sei.

FABIANI.

Este homem, mylords, foi comprado.

GILBERTO.

Pelo vosso dinheiro. Aqui está a bolça que pelo crime me destes cheia de ouro: tem vossa firma e armas bordadas. Ousareis nega-la?

FABIANI.

Justos céos!... E o punhal? onde está o punhal? quem o tem? quero vê-lo.



LORD CHANDOS.

Ei-lo aqui.

GILBERTO, *a Fabiani.*

É tambem vosso ; recebi-o para o mesmo fim ; a rainha ha de estar em vossa casa.

LORD CHANCELLER.

Que respondeis , lord Clambrassil ? Conheceis este homem ?

FABIANI.

Não.

GILBERTO.

Apenas me vio de noite. Permitti, senhores, que lhe falle ao ouvido ; ajudar-lhe-hei a memoria. (*Chega se a Fabiani, e diz-lhe em voz baixa.*) Não conheces hoje ninguém , mylord : nem o homem ultrajado , nem a mulher seduzida. Ah ! a rainha vingasse, mas o plebeo tambem sabe vingar-se. Lembras-te que me desafiaste ? Eis-te apanhado entre as duas vinganças. Que dizes , mylord ? Sou o mestre Gilberto.

FABIANI.

Agora vos reconheço. Mylords, conheço este homem ; sei quem é. Nada mais tenho a dizer.

A RAINHA.

Confessa !...

LORD CHANCELLER, *a Gilberto.*

Segundo a lei normanda e o estatuto vinte e cinco do rei Henrique VIII, a confissão não aproveita ao cúmplice nos crimes de lesa-magestade de primeira cabeça. Lembro-vos que caso é este em que nem a rainha pôde perdoar. Morrereis no cadafalso como o homem que denunciais. Reflecti. Ratificais vosso depoimento ?

GILBERTO.

Embora morra, o que eu disse é verdade.

JOANNA, *a parte.*

Se isto é um sonho, meu Deos ! que horrivel sonho !

LORD CHANCELLER.

Não duvidais ratificar vossas declarações com um juramento sobre os sagrados evangelhos ? (*Apresenta os evangelhos a Gilberto que nelle põe a mão.*)

GILBERTO.

Jure com a mão nestes evangelhos, e com a morte

em cima de minha cabeça, que este homem é um assassino, que este seu punhal perpetrou um crime, que esta bolça me foi por elle dada por causa desse mesmo crime. Assim Deos me ajude !

LORD CHANCELLER.

Mylord, que tendes mais a dizer ?

FABIANI.

Nada ; estou perdido.

SIMÃO RENARD, *baixo á rainha.*

Vossa magestade mandou chamar o carrasco. Está ali.

A RAINHA.

Ah !... mandai-o entrar.

(*Abre-se a fila dos fidalgos, e apparece o carrasco vestido de preto e vermelho ; traz uma espada comprida embainhada e posta ao hombro.*)

## SCENA IX.

OS MESMOS, O CARRASCO.

A RAINHA.

Mylord duque de Sommerset, estes dois homens para a Torre.... Mylord Gardiner, nosso Chancellor, amanhã instaurai seu processo perante os doze pares da Camara Estrellada ... Deos ajude a velha Inglaterra ! É nossa vontade que seu processo se conclua antes de nossa partida para Exford, onde vamos abrir o parlamento ; e para Windsor, onde vamos desobrigar-nos na proxima quaresma. (*Ao carrasco.*) Chega-te ; gosto de te ver ; tens sido um bom empregado ; estás velho, vives ha tres reinados. É costume dos soberanos inglezes, quando sobem ao throno, fazer um rico presente ao carrasco, o mais magnifico possivel. Henrique VIII, meu pai, deu-te o fecho de diamantes de seu manto. Eduardo VI, meu irmão, deu-te uma taça de ouro lavrado. Chegou minha vez. Ainda te não dei nada. Tambem quero fazer-te um presente : aproxima-te. (*Mostra-lhe Fabiani.*) Vês esta cabeça ? esta joven e encantadora cabeça que ainda esta manhã era para mim o que no mundo havia de mais bello, mais caro e mais precioso ? Vê-la bem ? dize.... É o meu presente : dou-t'a.

FIM DO SEGUNDO ACTO.





**QUADRO PRIMEIRO.**

SCENA PRIMEIRA.

GILBERTO.

JOSHUA.

GILBERTO.

**JOSHUA.**

GILBERTO.

**JOSHUA.**

GILBERTO.

JOSHUA.

GILBERTO.

JOSHUA.

GILBERTO.

JOSHUA.

GILBERTO.

JOSHUA.

GILBERTO.

JOSHUA.

GILBERTO.

Minha morte!... Que entendes tu por essas palavras? Minha morte é não ser amado por Joanna. Perdi a vida no dia em que perdi o seu amor; sim, meu Joshua, foi então que morri verdadeiramente, e o que resta de mim desde esse tempo não vale a pena conservá-lo. Tu não concebes, não imaginas o que é um homem que ama. Se ha dous mezes me dissessem: « Joanna, Gilberto, a tua Joanna, pura, sem mancha, o teu amor, o teu orgulho, o teu lirio, o teu thesouro, será primeiro d'outrem que de ti, » eu diria: « Não quero: antes mil mortes para ella e para mim. » Calçaria aos pés quem m'o dissesse. Hoje não penso de igual modo; assim mesmo a quero. Joanna não é já aquella innocente e pura Joanna cuja candura fazia o objecto de minhas adorações, aquella Joanna a quem apenas ousava beijar na fronte. Entregou-se a um homem, a um miseravel, bem o sei; mas não importa, ainda a amo. Despedaçou-me o coração, mas ainda a amo; de bom grado lhe beijava a cauda do vestido, e lhe pedia perdão se ella me quizesse. Estivesse ella na rua, no meio dessas mulheres que por ahí andão! lá mesmo iria buscá-la e apertá-la contra o meu coração. Não dou cem annos de minha vida, que mal posso dispôr de um dia; mas dava a eternidade em que vou entrar amanhã só para vê-la sorrir-se uma vez para mim, para ouvir-lhe repetir ainda antes de morrer a suave expressão: « Amo-te, Gilberto, » que tão feliz outr'ora me fazia. Joshua!... Joshua!... é assim que o coração de um homem ama. Pensas que matavas a mulher que te enganasse? Estás illudido. Abraçarias seus pés como até ali; sómente estarias triste. Chamas talvez a isto



fraqueza.... Que lucro tirava eu em matar Joanna? Oh! tenho o coração cheio de idéas insoffríveis. Oh! se eu ainda fosse amado!... Que me importava o que ella fez?... Mas não; ella ama Fabiano, ama Fabiano; é por amor delle que aqui vem. Quem me déra morrer!... Joshua, tem pena de mim!

JOSHUA.

Fabiani morre hoje.

GILBERTO.

E amanhã morro eu.

JOSHUA.

Altos juizes de Deos!...

GILBERTO.

Hoje vingó-me eu, amanhã elle.

JOSHUA.

Meu irmão, chega Messer Eneas, segundo condestavel da Torre. Recolhe-te á prisão: de tarde nos tornaremos a ver.

GILBERTO.

Morrer sem ser amado!... Oh! morrer sem ser chorado!... Joanna!... Joanna!... Joanna!... *(Entra no carcere.)*

JOSHUA.

Pobre Gilberto!... Quem tal diria, meu Deos!... *(Sahe. Entrão Simão Renard e Messer Eneas Dulverton.)*

## SCENA II.

SIMÃO RENARD, MESSER ENEAS DULVERTON.

SIMÃO RENARD.

É singular, tendes razão; mas que lhe havemos de fazer? A rainha está louca, não sabe o que quer; não se póde contar com ella para nada; é mulher e basta. Que vem ella aqui fazer?... Ninguém definiu melhor o coração de uma mulher do que Francisco I em uns versos que escreveu nas vidraças de Chambord:

A mulher sempre varia!  
Tolo é  
Quem nas mulheres se fia.

Mas vamos ao que interessa. Messer Eneas, ha muito que somos amigos. Isto deve hoje acabar; de vós depende tudo. Se vos encarregarem.... *(falla-lhe ao ouvido)* demorai o caso e fazei porque não vingue. Bastão-me duas horas. Esta tarde conseguirei o que desejo, amanhã não haverá já valido, serei eu só a mandar, e depois de amanhã Messer Eneas Dulverton será baronete e tenente da Torre. Tendes entendido?

MESSER ENEAS.

Perfeitamente.

SIMÃO RENARD.

Muito bem. Sinto passos; convém que nos não vejão juntos. Ide por ali; eu vou ao encontro da rainha. *(Separação-se. Um carcereiro entra cautelosamente, e depois introduz Joanna.)*

## SCENA III.

UM CARCEREIRO, JOANNA.

O CARCEREIRO.

Chegastes onde querieis, mylady. Ali estão os dous carceres. Agora.... se fazeis mercê.... *(Joanna tira uma pulseira e dá-lh'a.)*

JOANNA.

Aqui tens.

O CARCEREIRO.

Obrigado. Não digais que fui eu. *(Sahe.)*

JOANNA.

Meu Deos! que farei agora?... Fui eu quem o perdi; incumbe-me salva-lo. Mas que posso eu, pobre mulher?... O cadafalso!... O cadafalso!... Que horror!... Animo, Joanna: não chores, trabalha. Eu só que hei de fazer? Ajuda-me, meu Deos!... Ouço gente: quem será? Esta voz não me é desconhecida.... É a rainha!... Tudo está perdido!... *(Esconde-se atraz de um pillar. Entra a rainha e Simão Renard.)*

## SCENA IV.

A RAINHA, SIMÃO RENARD, JOANNA *oculta.*

A RAINHA.

Admira-vos a mudança? Já não sou a mesma. E que tem isso?... É minha vontade: não quero que elle morra.

SIMÃO RENARD.

Mas vossa magestade ordenou que a execução tivesse lugar hoje infallivelmente.

A RAINHA.

E não ordenei eu tambem ante-hontem que fosse hontem? e domingo que fosse na segunda feira? Hoje ordeno que seja amanhã.

SIMÃO RENARD.

Desde o domingo do Advento, que a sentença da Camara Estrellada se acha proferida, ha tres semanas que os réos voltarão para a Torre acompanhados do carrasco trazendo o gume de seu cutello voltado para elles, e vossa magestade proroga ainda a execução!

A RAINHA.

E não percebeis meu intento? Será necessario dizer-vos tudo? Ver-se-ha uma mulher, porque é rainha



e futura consorte do príncipe de Hespanha, vosso amo, a quem representais, ver-se-ha, digo, obrigada a patentear-vos seu coração em toda a sua nudez? Ignorais, senhor, que o pejo nas mulheres se estende também ao coração?... Pois bem! tudo direi, visto que nada quereis entender.... Prorogo a execução de Fabiano todos os dias, porque todos os dias me faz estremecer a idéa de ouvir o sino da Torre de Londres anunciar a sua morte, porque me sinto desfalecer com a lembrança de que o fio de um cutello se prepara para o seu pescoço, porque a vida parece fugir-me quando a imaginação m'o apresenta encerrado n'um ataúde, porque sou mulher, porque sou fragil, porque sou louca, porque ainda o amo.... Sabeis agora tudo? tendes entendido? desejais mais alguma cousa?... Oh!... quando amanhecerá o dia em que possa vingar-me de quanto me tens feito soffrer?...

SIMÃO RENARD.

Todavia é já tempo de acabar com Fabiani. Lembrai-vos, senhora, que ides casar com meu real amo, o príncipe de Hespanha.

A RAINHA.

Se o príncipe de Hespanha está arrependido, diga-o livremente. Casaremos com outro; sobejão-nos pretendentes.... O filho do rei de Roma, o príncipe do Piemonte, o infante de Portugal, o cardeal Polus, o rei de Dinamarca e lord Courtenay, não são menos briosos cavalleiros do que elle.

SIMÃO RENARD.

Lord Courtenay!... Lord Courtenay!...

A RAINHA.

Um barão inglez, senhor, vale tanto como um príncipe hespanhol; e demais, lord Courtenay descende dos imperadores do Oriente.... Agastai-vos embora, nada disso me importa.

SIMÃO RENARD.

Não ha um só coração em Londres que não aborreça Fabiani.

A RAINHA.

Menos o meu.

SIMÃO RENARD.

Negocio é este em que a plebe se une com a nobreza; e se vossa magestade se oppõe a que elle morra hoje....

A RAINHA.

Que acontece?

SIMÃO RENARD.

Haverá um levante de povo.

A RAINHA.

Socega-lo-ha minha guarda.

SIMÃO RENARD.

A nobreza tramará uma conspiração.

A RAINHA.

O carrasco lhe cortará o fio.

SIMÃO RENARD.

O livro das horas de Catharina de Aragão recebeu de vossa magestade o juramento de jámais perdoar a Fabiani.

A RAINHA.

Eis-aqui um pergaminho em que por minha imperial corôa jurei o contrario. A corôa de meu pai vale bem o livro das horas de minha mãe. Um juramento resolveu outro. Mas quem vos disse que eu queria perdoar-lhe?

SIMÃO RENARD.

Mui impudentemente vos trahio, senhora.

A RAINHA.

E que me importa? Não fazem todos o mesmo?... Não quero que morra.... Ouvi, mylord.... quero dizer, Sr. balio.... Valha-me Deos!... por tal modo me perturbais que já não sei a quem fallo. Ouvi: Sei muito bem o que ides dizer-me; que é um vil, um infame, um miseravel; sei muito bem tudo isso melhor que vós. Porém, com vergonha o digo, não posso deixar de ama-lo. E valeis todos vós mais que elle?... Chamais-lhe um valido!... Dizeis que a Inglaterra aborrece os validos!... E não sei eu que quereis destrui-lo para pôr em seu lugar outro?... o conde de Kildare, um infatuado, um Irlandez?... Dizeis que faz degollar vinte fidalgos por dia... E que tendes vós com isso?... A respeito do príncipe de Hespanha, nem mais uma palavra; delle não fazeis vós bem. Não quero também ouvir fallar no descontentamento de M. de Noailles, embaixador de França; M. de Noailles é um tolo; dir-lh'o-hei a elle mesmo. N'uma palavra, sou mulher; quero e não quero, não sou firme, minha vida necessita da vida deste homem. Deixai-vos dessas maneiras candidas e sinceras, desse semblante enternecido!... Conheço perfeitamente vossas intrigas; já vossos laços me não pilhão.... E, aqui para nós, ignorais acaso que elle está innocente?... Não sabeis que não commetteu o crime que lhe imputão?... Não quero que Fabiano morra.... Pos o ou não posso perdoar-lhe?... Sr. balio, fallemos d'outra cousa.

SIMÃO RENARD.

Eu me retiro, senhora. Per minha boca fallou a nobreza de Inglaterra.

A RAINHA.

Que me importa a nobreza?

SIMÃO RENARD, a parte.

Experimentemos o povo. (*Salta fazendo uma profunda reverencia.*)

A RAINHA, só.

Que singular modo de despedida!... É capaz de promover alguma sedição.... Obstemos-lhe quanto



antes. Olá!... Ninguém me ouve. (*Apparece Messer Eneas e Joshua.*)

## SCENA V.

A RAINHA, JOANNA *oculta*, MESSER ENEAS, JOSHUA.

A RAINHA.

Sois vós, Messer Eneas? Fazei, e mais este homem, com que lord Clambrasil fuja immediatamente.

MESSER ENEAS.

Senhora....

A RAINHA.

Ah!... em vós não posso eu fiar-me! sois também meu inimigo! Valha-me Deus!... só me cercão inimigos do homem a quem amo. Este guarda-chaves aborrece-lo-ha também?

JOSHUA.

Não ha duvida, senhora.

A RAINHA.

Meu Deus, meu Deus!... Simão Renard é mais rei do que eu rainha. Não haver aqui em quem confie, a quem dê plenos poderes para salva-lo!...

JOANNA, *apparecendo*.

Aqui estou eu, senhora.

JOSHUA, *a parte*.

Joanna!

A RAINHA.

Tu? e quem és tu?... Ah! sois vós, Joanna Talbot?... Como viestes aqui?... Mas que me importa isso? Salvemos Fabiani, Joanna, eu devia odiar-vos, ter zelos. Sobejos motivos tenho para isso; porém não acontece assim. Amo-vos porque o amais. O cadafal-se correu um véo sobre o ciúme; ficou só o amor.... Sois como eu: já vejo que lhe perdoais... Os homens não comprehendem isto. Entendamo-nos, lady Joanna. Somos bem desgraçadas, não é assim? Façamos com que elle fuja. Não tenho aqui mais ninguém!... Aproveitemos o que ha; ao menos tenho a certeza de que trabalhais com vontade. Encarrego-vos de sua salvação.... Vós ambos obedecereis cegamente a lady Joanna. Vossa cabeça me responde pela execução de suas ordens.... Um abraço.

JOANNA.

Deste lado são os alicerces da Torre banhados por o Tamisa; ali ha uma porta secreta, um barco á sahida, e fugirá por o rio; é o mais seguro.

MESSER ENEAS.

E como se obterá um barco? só daqui a uma hora.

JOANNA.

Tanto tempo!

MESSER ENEAS.

Depressa correrá; e até é melhor, porque entretanto faz-se noite, e a fuga será secreta como sua magestade deseja.

A RAINHA.

Parece-me que tendes razão. Uma hora.... seja. Necessito ir á casa da Camara: eu vos deixo, mylady; salvai Fabiani.

JOANNA.

Podeis ir socegada, senhora. (*A rainha sahe; Joanna segue-a com a vista.*)

JOSHUA, *a parte na frente*.

Gilberto não se enganava: é tudo para Fabiani.

## SCENA VI.

JOANNA, JOSHUA, MESSER ENEAS.

JOANNA, *a Messer Eneas*.

Conheceis a vontade da rainha. Um barco junto da Torre, as chaves do caminho secreto, um chapéo e uma capa.

MESSER ENEAS.

Antes de noite não póde apromptar-se tudo; em menos de uma hora é impossivel, mylady.

JOANNA.

Pois bem, andai: o mais breve que poder ser. Deixai-me com este homem. (*Eneas sahe; Joanna segue-o com a vista.*)

JOSHUA, *a parte na frente*.

Com este homem! que modo de fallar!... Quem se esquece de Gilberto, que muito que se não lembre de Joshua!... (*Encaminha-se para a porta do carcere de Fabiani, e dispõe-se a abri-la.*)

JOANNA.

Que fazeis?

JOSHUA.

Previno os desejos de mylady. Vou abrir esta porta.

JOANNA.

E que porta é essa?

JOSHUA.

A do carcere de Fabiani.

JOANNA.

E esta?

JOSHUA.

A do carcere de outro preso.

JOANNA.

Quem é elle?

JOSHUA.

Outro condemnado á morte. Um homem que mylady não conhece, um pobre abridor chamado Gilberto.



JOANNA.

Abri já esta porta.

JOSHUA, *depois de abrir a porta.*

Gilberto!

## SCENA VII.

JOANNA, GILBERTO, JOSHUA.

GILBERTO, *dentro.*

Que me querem? (*Apparece á porta, vê Joanna, e com passo mal seguro encosta-se ao muro.*) Joanna!... lady Joanna Talbot!...

JOANNA, *de joelhos e sem erguer os olhos.*

Gilberto, venho salvar-vos.

GILBERTO.

Salvar-me?

JOANNA.

Ouvi-me: tende compaixão de mim, e não me vexeis. Sei tuco que me quereis dizer; tendes razão, porém poupai-me ouvi-lo. Quero salvar-vos; tudo está disposto; não ha o mais pequeno risco. Permitti que vos salve, como se fôra uma pessoa indifferente. É isto só que peço, depois não sabereis mais de mim. Não vos peço perdão, peço-vos só que consintais em que vos salve. Fazeis me a vontade?

GILBERTO.

Agradeço, mas não aceito. Para que me serve a vida, lady Joanna, sem o vosso amor?

JOANNA, *com alegria.*

O' Gilberto!... ainda assim fallais?... ainda vos occupais do que sente meu coração?... ainda vos interessa o amor que eu possa ter a alguém?... vale-vos ainda a pena de perguntar por elle?... Oh! eu cuidava que isso vos era indifferente... cuidava que o desprezo vos tinha feito esquecer meu coração.... O' Gilberto, se soubesseis apreciar o effeito de vossas palavras em mim!... Que bemfazejo raio de luz no meio de minhas trevas!... Sabei, sabeis então quanto se passa em mim.... Se eu ousasse approximar-me de vós, tocar-vos nos vestidos, pegar nas vossas com as minhas mãos, erguer os meus para os vossos olhos e para o céu, como em outro tempo; sabeis o que vos diria, de joelhos prostrada a vossos pés, coberta de lagrimas, com o pranto no rosto e a alegria dos anjos no coração? « Amo-te Gilberto » seria minha unica expressão.

GILBERTO, *apertando-a arrebatadamente entre os braços.*

Tu amas-me?

JOANNA.

Amo, sim.

GILBERTO.

Tu amas-me!... Deos do céu!... Amas-me!...

Não é isto um sonho?... É ella quem m'o diz?... É sua boca que falla?... Oh! meu Deos!...

JOANNA.

Querido Gilberto!

GILBERTO.

Dispozeste tudo para a minha fuga? Vamos; depressa; já quero viver. Joanna ama-me! Esta abobada abafa-me, pesa me sobre a cabeça. Ah!... quero ar!... Eu morro aqui; fujamos depressa. Avia te, Joanna; quero viver; sou amado.

JOANNA.

É preciso esperar; é necessario um barco e a noite. Socega porém, que estás salvo. Antes de uma hora respiraremos ar livre. A rainha está na Camara, não voltará tão cedo. Aqui governo eu só. Depois te contarei tudo.

GILBERTO.

Ainda uma hora de espera!... é bem tempo!... Quanto me tarda a vida e a felicidade, Joanna! Joanna, estás ahí?... Amas-me?... Viverei! voltei do inferno!... Quem me segura? Farei alguma loucura. Quero rir, cantar! Tu amas me devêras?

JOANNA.

Amo, sim, amo. E acredita-me, Gilberto, nunca amei senão a ti. Fallo-te com toda a verdade; não diria outra cousa em minha hora extrema. No meio mesmo de minhas faltas te amava; e mal cahi nos braços do demonio que me perdeu, logo chorei o meu anjo.

GILBERTO.

Tudo está perdoado, esquecido; não fallemos mais nisso. Que me importa o passado? Quem resistiria á tua voz? Quem deixaria de fazer o que eu fiz?... Sim, minha querida, tudo te perdão, tudo. A base do amor, Joanna, é a indulgencia, o perdão. O ciúme e a desesperação abrazarão em meus olhos as lagrimas; porém tudo esqueci. Perdão-te, agradeço-te. És para mim o unico objecto resplandecente do mundo. Cada palavra tua extingue-me uma dôr no coração, e faz-me renascer uma alegria na alma. Levanta a cabeça, Joanna, direita! olha para mim, minha querida filha!

JOANNA.

Sempre generoso, querido Gilberto, sempre!

GILBERTO.

Quem me dêra ver daqui fóra.... a fugir, e para bem longe contigo! E a noite sem vir!... Já chegaria o barco?... Joanna, hoje mesmo sahiremos de Inglaterra; vamos para Veneza. Os abridores não lhes falta lá que fazer. Has de ser minha.... Meu Deos! que loucura!... Esquecia-me o teu nome! É bello demais.

JOANNA.

Que quer isso dizer?



GILBERTO.

Filha de lord Talbot!

JOANNA.

Um mais bonito sei eu.

GILBERTO.

Qual é?

JOANNA.

Mulher do mestre Gilberto.

GILBERTO.

Joanna!...

JOANNA.

Oh!... não, não; não penses que te peço tanto. Conheço que sou indigna de ti. Não erguerei tão alto minhas vistas, não abusarei tanto do perdão. O abridor Gilberto não fará uma alliança deshonrosa com a condessa de Waterford; porém nunca te deixarei; amar-te-hei sempre; seguir-te-hei por toda a parte; estarei de dia a teus pés, de noite á porta do teu quarto. Ver-te-hei trabalhar, ajudar-te-hei, farei quanto me ordenares; serei para contigo pouco menos que uma irmã e pouco mais que um cão; e se algum dia casares, Gilberto, Deos ha de dar-te uma mulher pura, sem mancha, digna de ti. Se tu casares e tua mulher me quizer, serei a sua serva; e se me não quizer, ir-me-hei embora, morrer onde aprouver a Deos; se te não casares, ficarei na tua companhia, viviremos juntos, e diga o mundo o que quizer, nada me importa; já nada me faz corar; sou uma pobre rapariga!...

GILBERTO, *cahindo a seus pés.*

És um anjo, és minha mulher!

JOANNA.

Tua mulher!... Serás tão bom como Deos?... Perdões purificando?... Abençoado sejas, Gilberto, pelo galardão que me dás. (*Gilberto ergue-se e abraça-a. Enquanto estão abraçados, Joshua pega n'uma mão a Joanna.*)

JOSHUA.

Sou Joshua, mylady.

GILBERTO.

Meu Joshua!

JOSHUA.

Mylady não me reconheceu ha pouco.

JOANNA.

Gilberto estava em primeiro lugar. (*Joshua beija-lhe as mãos.*)

GILBERTO, *abraçando a.*

Que felicidade!... Será ella real? (*Devem ter-se ouvido gritos ao longe e um barulho confuso. Começa a anoitecer.*)

JOSHUA.

Que rumor será este? (*Vai á janella da rua.*)

JOANNA.

Queira o céu que nos não estorve

JOSHUA.

Tanta gente lá embaixo!... alviões, lanças, tochas!... Os pensionarios da rainha a cavallo e formados!... Vem tudo para aqui!... Que algazarra.... Com mil diabos! parece um levante do povo.

JOANNA.

Não seja contra Gilberto!

GRITOS AO LONGE.

Fabiani! morra Fabiani!

JOANNA.

Ouvem?

JOSHUA.

Ouço.

JOANNA.

Que dizem elles?

JOSHUA.

Não posso entender.

JOANNA.

Ah! meu Deos!... valha-me Deos!... (*Entrão precipitadamente pela porta secreta Messer Eneas e um barqueiro.*)

## SCENA VIII.

OS MESMOS, MESSER ENÉAS, UM BARQUEIRO.

MESSER ENÉAS.

Mylord Fabiano, mylord! não ha um momento a perder. Soube-se que a rainha queria perdoar vos; levantou-se Londres. Despedaçar-vos-hão n'um quarto de hora. Salvai-vos, mylord, salvai-vos. Tomai esta capa, este chapéo: eis-aqui as chaves; eis-aqui o barqueiro. Não vos esqueça que é a mim a quem deveis tudo. Apressai-vos, mylord. (*Ao barqueiro.*) Tu, não te apresses.

JOANNA, *cobre apressadamente Gilberto com a capa e chapéo, e diz baixo a Joshua.*

Meu Deos! se este homem o conhece!...

MESSER ENEAS, *reparando em Gilberto.*

Mas como é isto?... este não é lord Clambrassil. As ordens da rainha não são executadas, mylady; faciliteis a evasão de outro homem.

JOANNA.

Tudo está perdido! eu bem o devia prevenir. Por quem sois, senhor!... É verdade.... tende compaixão.

MESSER ENEAS.

Chiton!... andai, andai!... eu não fallei, eu não vi nada. (*Retira-se para o fundo da scena.*)



JOANNA.

O que?... Ah! a providencia nos favorece. Todos querem salvar Gilberto.

JOSHUA.

Não é isso, mylady: todos querem perder Fabiani.  
(Durante a scena crescem os gritos e o tumulto.)

JOANNA.

Vamos, Gilberto; depressa, avia-te.

JOSHUA.

Deixai-o ir só.

JOANNA.

Deixa-lo só? eu?

JOSHUA.

Nada de mulheres a bordo se querem que o barco chegue a porto seguro. O dia está ainda muito claro, e vosso vestido é branco. Encontrar-vos-heis passado o perigo. Vinde comigo por aqui, elle por acolá.

JOANNA.

Joshua tem razão: onde nos encontreremos, Gilberto?

GILBERTO.

Debaixo do primeiro arco da Ponte de Londres.

JOANNA.

Bem: vai depressa; o tumulto cresce; tomá-ra-te d'aqui bem longe.

JOSHUA.

Toma as chaves. Ha dez portas para abrir e fechar daqui até ao rio: trabalho para um quarto de hora.

JOANNA.

Um quarto de hora!... dez portas!... valha-me Deos!

GILBERTO, abraçando-a.

Adeos, Joanna; ainda alguns momentos de separação, e depois unidos por toda a vida.

JOANNA.

Por toda a eternidade. (Ao barqueiro.) Eu vo-lo entrego.

MESSER ENEAS, baixo ao barqueiro.

Não te apresses, que não succeda alguma. (Gilberto sahe com o barqueiro.)

JOANNA.

Está salvo! Agora nós. Fechemos este carcere. (Fecha o carcere de Gilberto.) Prompto. Por aqui, depressa. (Sahe com Joshua pela porta seereta.)

MESSER ENEAS, só.

E Fabiani ficou na gaiola!... Eis-aí uma mulherzinha fina como um coral, que Simão Renard pagaria por bom dinheiro. E a rainha? como tomará ella isto? Salve-me eu, que pouco me importa o resto.  
(A rainha e Simão Renard entrão vagarosamente pela

galeria. O tumulto cresce cada vez mais. É quasi noite. Gritos de morra, archotes, tochas, barulho de gente, ruido de armas, tropel de cavallos. Acompanhão a rainha muitos cavalleiros armados de adagas; entre elles vem Clarence, rei d'armas de Inglaterra, trazendo o estandarte real, e o rei d'armas da Garrotéa trazendo o estandarte da ordem.)

## SCENA IX.

A RAINHA, SIMÃO RENARD, MESSER ENEAS, LORD CLINTON, DOUS REIS D'ARMAS, CAVALLEIROS, PAGENS, etc.

A RAINHA, baixo a Messer Eneas.

Fugio?

MESSER ENEAS.

Ainda não.

A RAINHA, olhando para elle com ar terrivel.

Ainda não?

MESSER ENEAS, a parte.

O' diabo!

GRITOS DO POVO.

Morra Fabiani!

SIMÃO RENARD.

É necessario que vossa magestade se decida. O povo exige este homem, Londres está em fogo, a Torre está investida, o motim torna-se formidavel, os nobres cavalleiros do Bando forão despedaçados na Ponte de Londres; apenas se sustentão ainda os pensionarios de vossa magestade; porém não é sua força tamanha que impedisse vir vossa magestade cercada desde a camara até aqui. Os partidarios da princeza Isabel andão misturados no povo, e bem se deixão conhecer pela acrimonia do tumulto. O aspecto é medonho... Vossa magestade que ordena?

GRITOS DO POVO.

Fabiani! morra Fabiani!...

(A gritaria ouve-se cada vez mais.)

A RAINHA.

Morra Fabiani!... Ouvis, senhores, este povo bramindo?... É forçoso arremessar-lhe uma victima!... A canalha quer comer.

SIMÃO RENARD.

Vossa magestade que ordena?

A RAINHA.

Por Deos, mylords!... todos a tremer!... Será necessario que uma mulher vos ensine vosso dever de cavalleiros?... A cavallo, mylords, a cavallo!... Intimida-vos a canalha? Terão as espadas medo dos varapãos?

SIMÃO RENARD.

Evitai, senhora, que a desordem continue; cedei



emquanto é tempo. Por ora chamais-lhe canalha, em pouco tempo sereis obrigada a chamar-lhe o povo.  
(*A algazarra vai sempre crescendo.*)

A RAINHA.

Em pouco tempo?

SIMÃO RENARD, *vai á galeria e depois volta dizendo.*

N'um quarto d'hora. O primeiro recinto da Torre está já em seu poder; um passo só mais, e o povo aqui.

GRITOS DO POVO.

A' Torre! á Torre! morra Fabiani, morra!

A RAINHA.

Com bem razão se diz que o povo é um objecto horrível! Fabiano!...

SIMÃO RENARD.

Quer vossa magestade vê-lo em poucos momentos despedaçado aqui mesmo?

A RAINHA.

Que infamia, mylords!... Nenhum de vós se mexe! Em nome do céu, defendei-me!

LORD CLINTON.

A vossa magestade sim, a Fabiano não.

A RAINHA.

Valha-me Deus!... Vou dizer tudo. Fabiano está innocente. Fabiano não perpetró o crime que lhe imputão. Fui eu, foi este homem, foi Gilberto, que imaginámos, que inventámos tudo. Foi tudo uma comedia. Ousareis desmentir-me, Sr. balio?... Defendei-o agora, senhores. É innocente, torno a repetir; por minha cabeça, por minha corôa, por Deus, por minha mãe, Fabiano está innocente. Isto é tão verdade como a vossa existência, lord Clinton. Defendei-o, exterminai esta gente como exterminastes Thomas Wyat!... Meu bravo Clinton, meu velho amigo, meu bom Roberto! juro-vos que Fabiano não quiz assassinar vossa rainha.

LORD CLINTON.

Mas quiz assassinar a Inglaterra.  
(*A algazarra progride.*)

A RAINHA.

Abrão aquella janella: quero eu mesma provar ao povo que Fabiano está innocente.

SIMÃO RENARD.

Provai-lhe que não é Italiano.

A RAINHA.

Quando me lembra que é Simão Renard, uma creatura do cardeal de Granville, que se atreve a fallar-me dest'arte!... Abrão aquella porta; quero ver Fabiano, quero fallar-lhe.

SIMÃO RENARD, *baixo á rainha.*

Que fazeis, senhora? quereis que todos saibão onde elle está?

GRITOS DO POVO.

Morra Fabiani! Viva Isabel!

SIMÃO RENARD.

Já dão vivas a Isabel!

A RAINHA.

Meu Deus!... meu Deus!...

SIMÃO RENARD.

Escolhei, senhora: (*aponta para o carcere de Fabiani*) ou aquella cabeça ao povo, (*aponta para a corôa da rainha*) ou esta corôa a Isabel.

GRITOS DO POVO.

Morra Fabiani! Viva Isabel! (*Uma pedra atirada de fóra quebra um vidro e vem cahir aos pés da rainha.*)

SIMÃO RENARD.

Vossa magestade perde-se sem que possa salva-lo. Lá entrão no segundo pátio. A rainha que ordena?

A RAINHA.

Cobardes!... E tu, Clinton, o maior de todos!... Este dia, mylords, jámais me esquecerá.

SIMÃO RENARD.

A rainha que ordena?

A RAINHA.

Ah! todos me abandonão!... Fallo e ninguém me obedece! Onde estão meus cavalleiros?... Povo infame! quizera esmaga-lo aos pés!... Occasiões ha em que uma rainha é apenas uma mulher. Todos m'o pagareis bem caro.

SIMÃO RENARD.

A rainha que ordena?

A RAINHA.

Nada. Fazei o que vos aprouver. Assassino! (*A parte.*) O' Fabiani!

SIMÃO RENARD.

Clarence!... Garrotea!... A mim, reis d'armas! Messer Eneas, abri a grande janella da galeria. (*Abre-se a grande janella do fundo: Simão Renard aproxima-se della seguido de Clarence á direita e Garrotea á esquerda. Grande rumor fóra.*)

GRITOS DO POVO.

Morra Fabiani! morra!

SIMÃO RENARD, *voltado para fóra da janella.*

Em nome da rainha!

OS DOUS REIS D'ARMAS.

Em nome da rainha!

(*Profundo silencio fóra.*)



SIMÃO RENARD.

Villões, a rainha faz-vos saber o seguinte: Hoje, esta mesma noite, uma hora depois do sino corrido, Fabiano Fabiani, conde de Clambrasil, coberto com um véo negro desde a cabeça até aos pés, com uma mordaga de ferro na boca, uma tocha amarella do peso de tres libras na mão e allumiado dos archotes da Torre de Londres, será conduzido por Charing-Cross ao Mercado Velho da cidade, para ahi ser publicamente suppliciado em reparação de seus crimes de alta traição de primeira cabeça, e de tentativa de regicídio na real pessoa de sua magestade.

(Ouvem-se fóra muitas palmas de applauso.)

GRITOS DO POVO.

Viva a rainha! morra Fabiani!

SIMÃO RENARD, *continuando*.

E para que toda a cidade de Londres o saiba, ordena mais a rainha que o sino grande da Torre dobre continuamente durante o transito do condemnado desde a Torre de Londres até ao Mercado Velho, e que se dê tres tiros de peça no momento da execução: o primeiro quando o padecente subir ao patíbulo, o segundo quando se prostrar sobre o panno negro, o terceiro quando sua cabeça cahir.

(Applausos fóra.)

GRITOS DO POVO.

Luminarias! haja tambem luminarias!

SIMÃO RENARD.

E esta noite a Torre e a cidade de Londres estarão illuminadas em signal de regosijo. Tenho dito. (Applausos fóra.) Deos guarde a velha carta de Inglaterra!

OS DOUS REIS D'ARMAS.

Deos guarde a velha carta de Inglaterra!

GRITOS DO POVO.

Morra Fabiani! viva a rainha! viva a rainha!

(Fecha-se a janella, e Simão Renard volta para junto da rainha.)

SIMÃO RENARD.

A princeza Isabel nunca me perdoará o que acabo de fazer.

A RAINHA.

Menos vo lo ha de perdoar a rainha Maria. Deixai-me. (Faz signal a todos para sahirem.)

SIMÃO RENARD, *baixo a Messer Eneas*.

Não vos descuideis da execução.

MESSER ENEAS.

Contai comigo.

(Simão Renard sahe. No momento em que Messer Eneas vai a sahir, a rainha corre a elle, agara-o e condu-lo violentamente á frente da scena.)

## SCENA X.

A RAINHA, MESSER ENEAS.

GRITOS DO POVO.

Morra Fabiani! morra!

A RAINHA.

Qual cabeça estará neste momento mais segura em seu tronco, a tua ou a de Fabiano?

MESSER ENEAS.

Senhora....

A RAINHA.

És um traidor!...

MESSER ENEAS.

Senhora.... (A parte.) Com mil diabos!

A RAINHA.

Não quero explicações. Juro-te por minha mãe que, se Fabiano morre, morrerás tambem.

MESSER ENEAS.

Porém, senhora....

A RAINHA.

Salva Fabiano, salvar-te-has a ti; por outro modo, não....

GRITOS DO POVO.

Morra Fabiani! morra!

MESSER ENEAS.

Salvar lord Clambrasil com o povo ali.... é impossível!... como?

A RAINHA.

Como tu quizeres.

MESSER ENEAS.

Deos do céu!... como ha de ser?

A RAINHA.

O negocio é teu.

MESSER ENEAS.

O povo não larga as armas até a execução. É necessario uma cabeça para socega-lo.

A RAINHA.

Procura a que quizeres.

MESSER ENEAS.

A que eu quizer? Bem. A execução é de noite com luzes; o condemnado vai coberto e açamado. O povo, graças aos cuidados dos alabardeiros, sempre fica longe do cadafalso. O caso é que se veja cahir uma cabeça. Se o barqueiro não tiver sahido ainda, não é o negocio tão feio como parece. Eu bem lhe disse que fosse devagar. (Vai á janella donde se suppõe ver o Tamisa.) Lá está: ainda é tempo. (Debruça-se na janella com uma tocha na mão agitando um lenço. Depois volta



para a rainha.) Optimamente; respondo-vos por my-lord Fabiani.

A RAINHA.

Por tua cabeça?

MESSER ENEAS.

Por minha cabeça.

FIM DO PRIMEIRO QUADRO.

### QUADRO SEGUNDO.

Especie de sala onde desembocão duas escadas, uma que desce e outra que sobe; a entrada de cada uma occupa parte do fundo do theatro; a que sobe some-se no frizo, a que desce desaparece na parte inferior, e não se conhece d'onde ellas vem, nem onde vão; a sala é forrada de preto por um estylo particular: a parede dos lados direito e esquerdo e o tecto cobertos com um panno preto cortado por uma grande cruz branca; o fundo, em frente do espectador, coberto com um panno branco cortado por uma grande cruz preta; estes forros preto e branco prolongão-se a perder de vista por baixo das duas escadas; nos lados direito e esquerdo um altar guarnecido de preto e branco como para exequias; grandes cirios e nada de sacerdotes; algumas, mas raras lampadas funebres pendentes da abobada allumiaão apenas a sala e as escadas; a verdadeira luz da sala é o panno branco do fundo do theatro, atravez do qual passa um clarão avermelhado, como se por detraz d'elle estivesse uma grande fornalha em labaredas; pedras sepulcraes formão o pavimento da sala. Ao levantar-se o panno, vê-se, atraz do forro branco transparente do fundo, a sombra immovel da rainha.

### SCENA PRIMEIRA.

JOANNA, JOSHUA.

(Entrão ambos cautelosamente por uma porta que se não vê, por estar coberta com o forro preto que elles levantão ao entrar.)

JOANNA.

Onde estamos nós, Joshua?

JOSHUA.

No grande patamar da escada por onde descem os padecentes quando vão para o supplicio. Foi Henrique VIII que mandou armar isto assim.

JOANNA.

Não ha meio algum de sahir da Torre?

JOSHUA.

O povo está de atalaia em todas as avenidas; quer vigiar de perto o condemnado. Antes da execução é impossivel sahir da Torre.

JOANNA.

Ainda me sôa nos ouvidos o pregão que se lançou da janella!... Ouvistes, quando estavamos lá embaixo?... Oh! que horror, Joshua!...

JOSHUA.

Tenho visto muito daquillo.

JOANNA.

Gilberto escapar-se-hia? Parece-vos que estará salvo?

JOSHUA.

Oh! de certo.

JOANNA.

Sem duvida alguma?

JOSHUA.

A Torre estava desamparada do lado do rio, e quando elle sahio, não era o motim tamanho como depois. Foi um bello motim!

JOANNA.

Sabeis de certo que está salvo?

JOSHUA.

E que a esta hora vos espera debaixo do primeiro arco da ponte de Londres.

JOANNA.

Como estará inquieto!... Jesus!... (Dando fê da sombra da rainha.) Que é aquillo, Joshua?

JOSHUA, baixo, e pegando-lhe na mão.

Silencio! é a leôa que espreita.

(Emquanto Joanna horrorisada contempla este retrato escuro, ouve-se ao longe, do alto da escada, uma voz que repete lenta e distinctamente as seguintes palavras.)

UMA VOZ.

Aquelle que me vem seguindo, coberto com um véo negro, é o muito alto e muito poderoso Sr. Fabiano Fabiani, conde de Clambrasil, barão de Dinasmondy, barão de Dartmouth em Devonshire, o qual vai ser degollado no Mercado de Londres por crime de regicidio e alta traição. Deos tenha compaixão de sua alma!

OUTRA VOZ.

Orai por elle!

JOANNA.

Ouves, Joshua?

JOSHUA.

Ouço, ouço; disto ouço eu todos os dias.

(Um cortejo funebre apparece no alto da escada, sobre cujos degrãos se vai desenvolvendo a porporção que desce. Caminha na frente um homem vestido de negro, trazendo na mão uma bandeira branca com cruz negra. Segue-o logo Messer Enéas Dulverton, com grande manto negro e o bastão branco de condestavel na mão. Vem depois um grupo de alabardeiros vestidos de escarlata. Segue-se o carrasco com a achã no hombro e o gume voltado para um homem que vem immediatamente atraz



delle, inteiramente coberto por um véo negro que lhe cahe até aos pés. Vê-se só deste homem um braço nu, levando na mão uma vela de cera amarella accesa. Caminha a seu lado um sacerdote ataviado como para assistir á hora extrema. Segue-se um grupo de alabardeiros vestidos de vermelho. Ultimamente vem um homem vestido de branco, com uma bandeira negra com cruz branca. Este prestito caminha todo entre duas filas de alabardeiros com tochas na mão.)

JOANNA.

Vês, Joshua?

JOSHUA.

Vejo, vejo; disto vejo eu todos os dias.  
(O cortejo pára no momento em que desemboca na scena.)

MESSER ENÉAS.

Aquelle que me vem seguindo, coberto com um véo negro, é o muito alto e muito poderoso Sr. Fabiano Fabiani, conde de Clambrassil, barão de Dinasmondy, barão de Dartmouth em Devonshire, o qual vai ser degollado no Mercado de Londres, por crime de regicídio e alta traição. Deos tenha compaixão de sua alma!

OS PORTA-BANDEIRAS.

Orai por elle!

(O cortejo atravessa vagarosamente a scena.)

JOANNA.

Que terrivel espectáculo, Joshua! O sangue se me gela nas veias.

JOSHUA.

Miseravel Fabiani!

JOANNA.

Respeitemos sua hora extrema: foi tão miseravel como desgraçado.

(O prestito chega á outra escada. Simão Renard, que della tem observado tudo, arruma-se para o deixar passar. O prestito interna-se pela abobada da escada e desaparece pouco a pouco. Joanna horrorisada segue-o com a vista.)

SIMÃO RENARD, depois que o prestito desaparece.

Aquelle não me parecia Fabiani.... elle não é tão alto.... Dar-se-ha caso que Messer Eneas?... Se bem me lembro, a rainha demorou-se algum tempo com elle. Averiguemos o caso. (Desce atraz do prestito.)

A voz, sumindo-se pouco a pouco.

Aquelle que me vem seguindo, coberto com um véo negro, etc., etc.

OUTRA VOZ.

Orai por elle!

JOSHUA.

Agora vai osino grande annunciar a sahida da Torre. Talvez possamos sahir: vou procurar os meios; esperai, que não tardarei muito.

JOANNA.

Deixais-me só? Morrerei de susto. Meu Deos!...

JOSHUA.

Sem perigo não podeis seguir-me. É necessario sahir da Torre; Gilberto está esperando.

JOANNA.

Gilberto!... tudo por Gilberto!... Podeis ir. (Joshua sahe.) Que horrivel scena!... quando me lembra que Gilberto tinha de passar por tudo isto!... (Ajoelha nos degrãos de um dos altares.) Bemdito sejais, meu Deos, meu Salvador, salvador de Gilberto!... (Entre abre-se o panno do fundo, apparece a rainha, e adianta-se vagarosamente para a frente da scena sem ver Joanna; esta, vendo-a, diz:) Meu Deos! a rainha!...

## SCENA II.

JOANNA, A RAINHA.

(Joanna cinge-se espavorida contra o altar e lança sobre a rainha uma vista assustada e vaga.)

A RAINHA, demorando-se algum tempo em silencio na frente da scena, com a vista espantado, pallida, e como absorva em sombrios pensamentos; por fim solta um profundo suspiro.

Ah!... o que é o povo! (Olha em volta de si com inquietação e vê Joanna.) Quem está ahi? És tu? sois vós, lady Joanna? Causo-vos susto? Não tendes que recear. O carcereiro Enéas atraçou-nos; mas nada receies, não temas nada: o que ha um mez te perdia hoje te salva. Amas Fabiano; debaixo do céu ha só dous corações como os nossos; só eu e tu o amamos: somos duas irmãs.

JOANNA.

Senhora....

A RAINHA.

Sim, tu e eu, duas mulheres, é quanto tem por si; todo o resto lhe é contrario, uma cidade, a nação inteira, o mundo todo!... Luta desigual do amor contra o odio. Fabiano tem só por si o amor triste, espavorido, desesperado!... Tem o teu semblante pallido, meus olhos arrazados de lagrimas.... Asyla-se junto de um altar funebre, reza por tua boca, amaldiçoa pela minha!... E contra si, o odio altivo, radioso e triumphante; o odio armado e vencedor, apoiado pela côrte, pelo povo, pelas massas na rua saltando ao mesmo passo gritos de alegria e de morte; o odio soberbo, altaneiro e poderoso que illumina de jubilo uma cidade inteira em roda de um patibulo!... O amor.... ei-lo aqui: duas mulheres cobertas de dó sobre um tumulto!... O odio.... ei-lo acolá. (Faz abrir de repente o panno branco do fundo da scena, que, apartando se, deixa ver uma sacada, e além della, a perder de vista, n'uma noite escura, toda a cidade de Londres esplendidamente illuminada. O que se vê de



*Torre está também illuminado. Joanna fixa attentamente seus olhos espavoridos neste espectáculo deslumbrante, cuja reverberação allumia a scena.)* O' cidade infame! cidade rebelde e maldita! cidade monstruosa, que manchas tuas gallas com sangue, que pões luminarias em honra do carrasco!... Tens medo, Joanna? Sentes tu o que eu sinto? não te parece como a mim que a maldita nos está insultando com esses milhares de olhos chammejantes que não tira de sobre nós, frageis mulheres que somos, abandonadas, sozinhas e tranzidas de medo neste sepulcro? Não ouves, Joanna, seus huivos e risadas?... Cidade horrivel!... Oh! eu daria a Inglaterra toda a quem me destruisse Londres!... E não posso mudar aquellas tochas em tições, aquellas luzes em chamas, essa cidade illuminada n'uma cidade ardendo em labaredas!...

*(Ouve-se grande alarido fóra, applausos, gritaria confusa: Lá vem! é elle! morra Fabiani! etc. Ouve-se o sino grande; a rainha, quando o ouve, ri-se por um modo terrivel.)*

JOANNA.

Grande Deos! lá sahe o desgraçado!... Vossa magestade ri-se!

A RAINHA.

Rio-me, sim, rio-me, e tu rir-te-has também. Corramos primeiro este panno, que com elle aberto parece-me que não estamos sós; parece-me que esta horrivel cidade nos está vendo e ouvindo. *(Fecha o panno.)* Agora que já não ha perigo, agora que já sahio, vou contar-te tudo; porém ri-te, riame-nos ambas deste povo execravel que bebe sangue. Tremes por Fabiano, Joanna? Tranquillisa-te e ri-te comigo. O homem que lhe cahio nas mãos, o homem que vai morrer, o homem que julgão ser Fabiano, não é Fabiano. *(Ri-se.)*

JOANNA.

Não é Fabiano!

A RAINHA.

Não.

JOANNA.

Então quem é?

A RAINHA.

É o outro.

JOANNA.

Qual outro?

A RAINHA.

Não te lembras? Tu bem o conheces.... aquelle abridor, aquelle homem.... E que me importa o seu nome?

JOANNA, tremula.

Gilberto?

A RAINHA.

É verdade, Gilberto, esse mesmo.

JOANNA.

Não, senhora, isso não pôde ser; dizei que não é Gilberto. Que horror!... Gilberto evadio-se.

A RAINHA.

Evadia-se, mas prendêrão-n'o e pozerão-n'o em lugar de Fabiano. A execução é de noite, ninguém des cubrirá o engano, tranquillisa-te.

JOANNA, dando um grito.

Ah! Gilberto, senhora, é quem eu amo.

A RAINHA.

O que? que dizes? perdeste o juizo? Também tu me enganavas? amavas Gilberto?... Pois bem; não me importa.

*JOANNA, aos pés da rainha, chorando, arrastando-se de joelhos com os maos erzuidas. O sino dobra durante toda a scena.*

Por quem sois, senhora!... Em nome do céu, pela vossa corôa, por vossa mãe, pelos anjos!... Gilberto, meu Gilberto!... Endoudeço!... Senhora, salvai Gilberto! É a minha vida, o meu marido; adoptou-me, criou-me, fez as vezes de meu pai morto por causa de vossa mãe!... Despi-vos de severidade para comigo, pobre e miseravel creatura! Eu não sei o que digo, digo o que posso; suspendei a execução só até amanhã; depois veremos o que se ha de fazer. Dai tempo a que se desfaça o engano; o povo esperará até amanhã; não me digais que não.... Fabiano não tem perigo; tomarei seu lugar: coberta com o véo, de noite, ninguém o saberá. Salvai Gilberto!... Que vos importa que seja elle ou eu? quero ser eu, quero morrer. O' Deos do céu!... que sino, que terrivel sin!... cada vibração é um passo para o cadafalso, cada pancada me bate no coração!... Senhora, fazei o que vos peço: Fabiano não corre risco algum.... Deixai-me beijar vossas mãos!... Quanto vos amo, senhora!... Não vo-lo tinha dito ainda, mas amo vos de todo o coração. Sois uma grande rainha; olhai como beijo vossas lindas mãos!... Oh! uma ordem de suspensão! ainda é tempo; é muito possivel; elles vão devagar.... Da Torre ao Mercado Velho é muito longe; o homem da janella disse que irião por Charing-Cross. E a um caminho mais perto: um homem a cavallo chegará a tempo. Em nome do céu!... tende compaixão, senhora!... Ponde-vos no meu lugar. Se eu fosse rainha, e vós a miseravel rapariga, eu perdoava. Perdoai, senhora, perdoai!... Oh! as lagrimas cortão-me as palavras; já não posso mais. Depressa, depressa; suspendei a execução. Que pôde resultar dahi? Fabiano não terá perigo, eu o juro. Não fazeis o que vos peço?

A RAINHA, levantando Joanna muito commovida.

Bem o desejava eu, Joanna. Choras como eu chorei,



offres o que soffri. Minhas angustias fazem com que me compadeça das tuas. Vê como choro também. Foi uma desgraça, pobre menina!... Bem podião ter escolhido outro, Tyrconell por exemplo.... Esse era muito conhecido; precisava-se de homem obscuro. Não havia outro á mão. Entendes bem a razão? Meu Deos! ha fatalidades que se não evitão!

JOANNA.

Entendo tudo, senhora. Mas a ordem de suspensão, o homem a caminho! depois fallaremos melhor; também tenho muito que vos dizer. Oh! que sino! que sino!...

A RAINHA.

O que tu queres, Joanna, é impossível.

JOANNA.

É muito possível. Um homem a cavallo.... pelo cães... É muito mais perto; eu mesma vou.... É possívelissimo, é fácil.

A RAINHA.

O povo não consentiria; voltava á Torre, matava tudo, e Fabiano está ainda ali. Entendes agora? Tremes?... também eu tremo. Põe-te no meu lugar. Eu bem quero provar-te que não posso valer-lhe. Joanna, esquece-te de Gilberto, resigna-te; já não ha remedio.

JOANNA.

Já não ha remedio?... Enquanto tocar este sino, ainda ha remedio. Resignar-me.... á morte de Gilberto?... Enganais-vos, senhora. Se vos fallo em vão, aproveitarei dirigindo-me ao povo. Se a rainha não quer ouvir-me, ouvir-me-ha elle. Está ainda ali, naquelle pátio: gritar-lhe-hei que o illudem, que é Gilberto, um abridor, que marcha para o patibulo, e não Fabiano. Embora eu morra depois, salvo-o a elle.

A RAINHA, agarrando-a e olhando para ella com ar terrível.

Estás louca?... É assim que me pagas?... Sou boa, sou sensível, choro contigo, e tornas-te douda, furiosa? Ah!... meu amor é tamanho como o teu; porém meu braço é mais forte. Não sabrás daqui. Que me importa o teu amante?... Sou eu responsavel por todos os amantes do mundo?... Por Deos, mylady.... salvei o meu á custa de quem pude, cada qual olhe pelos seus.

JOANNA.

Deixai-me!... Malvada mulher, eu te amaldiço!

A RAINHA.

Cala-te.

JOANNA.

Não quero; hei de fallar.... Mas que lembrança!... Gilberto não é quem vai morrer.

A RAINHA.

Que dizes?

JOANNA.

Vi-o passar coberto com o véo fatal. Se fôra elle, tê-lo-hia adivinhado; o coração me diria que era elle; uma voz secreta lhe gritaria: Gilberto! é Gilberto!... Não senti nada; não era elle.

A RAINHA.

Que dizes?... Isso é uma loucura, que todavia me sobressalta. Despertaste em meu coração receios, inquietações!... Maldito motim que me estorvou velar eu mesma sobre o seu destino!... Oh! Enéas é um traidor; Simão Renard estava talvez com elle. Seria eu segunda vez atraçoada pelos inimigos de Fabiano? Seria na verdade Fabiano?... Olá! alguém! alguém! (*Entrão dous carcereiros; diz ao primeiro.*) Ide: eis o meu real annel; que se suspenda a execução! Correi ao Mercado Velho. Qual é o caminho mais perto, Joanna?

JOANNA.

Pelo cães.

A RAINHA.

Pelo cães. Montai a cavallo; voai. (*O carcereiro sahe. Ao outro.*) Ide já á Torrinha de Eduardo o confessor: ha lá dous carcereiros de condemnados á morte; n'um delles está um homem, conduzi-o aqui já. (*O carcereiro sahe.*) Ah! eu tremo! os joelhos se me dobrão! não tenho forças para ir eu mesma!... Tornaste-me douda como tu, miseravel!... Fizeste-me desgraçada!... Eu te amaldiço como me amaldiçoaste... Meu Deos!... iria o homem a tempo?... Que horrivel anxiedade!... A vista se me turba, tudo é confusão em minha alma.... Por quem dobrará aquelle sino? por Gilberto? por Fabiano?...

JOANNA.

Agora se calou.

A RAINHA.

Chegarão á praça da execução; o homem não teve tempo. (*Ouve-se ao longe um tiro de peça.*)

JOANNA.

Meu Deos!

A RAINHA.

Sóbe ao cadafalso! (*Ouve-se outro tiro.*) Ajoelha!

JOANNA.

Que horrorosa situação!... (*Ouve-se o terceiro.*)

AMBAS.

Ah!...

A RAINHA.

Um delles já não existe!... Em breve saberemos qual. Fazei, meu Deos, que não seja Fabiano!

JOANNA.

Fazei, meu Deos, que não seja Gilberto! (*Abre-se o panno do fundo, e apparece Simão Renard com Gilberto pela mão.*) Gilberto! (*Corre a obraça-lo.*)



A RAINHA.

E Fabiano?

SIMÃO RENARD.

Está morto.

A RAINHA.

Morto!... morto!... E quem ousou?...

SIMÃO RENARD.

Eu... Salvei a rainha e a Inglaterra.

FIM DO DRAMA.